



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LITERÁRIOS**

**ANDREIA LEAL DOS SANTOS**

**CONTOS DE FADAS E FÁBULAS E SUA RELAÇÃO COM O IMAGINÁRIO INFANTIL: um olhar de professores do Ensino Fundamental I**

**Porto Nacional  
2025**

ANDREIA LEAL DOS SANTOS

**CONTOS DE FADAS E FÁBULAS E SUA RELAÇÃO COM O IMAGINÁRIO  
INFANTIL: um olhar de professores do Ensino Fundamental I**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Ludwig

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

S237c Santos, Andreia Leal dos.

Contos de fadas e fábulas e sua relação com o imaginário infantil:  
um olhar de professores do ensino fundamental I. / Andreia Leal dos  
Santos. – Porto Nacional, TO, 2025.

98 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do  
Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-  
Graduação (Mestrado) em Letras, 2025.

Orientador: Carlos Roberto Ludwig

1. Contos de Fadas. 2. Fábulas. 3. Imaginário Infantil. 4. Práticas  
Pedagógicas. I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de  
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que  
citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime  
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha  
catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**Andréia Leal do Santos**

**CONTOS DE FADAS E FÁBULAS E SUA RELAÇÃO COM O IMAGINÁRIO  
INFANTIL:  
Um Olhar de Professores do Ensino Fundamental I**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras. Foi avaliado para a obtenção do título de Mestra em Letras e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Carlos Roberto Ludwig

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neila Nunes de Souza

---

Prof. Dr. Maurício Alves da Silva

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edna Sousa Cruz

Dedico este estudo a Deus que me presenteia todos os dias com fôlego de vida e me dá força e coragem para atingir meus objetivos.

## **AGRADECIMENTOS**

Para a elaboração deste trabalho, muitas pessoas contribuíram, por isso, neste momento, dedico-me a listar e a reconhecer a participação de cada um que me ajudou a concluir esta fase árdua e decisiva da minha formação acadêmica.

Dentre essas pessoas, destaco a minha família, a base para formação do meu caráter. Em especial, a minha mãe dona Maria de Lourdes Leal cujos valores carrego comigo e me fazem ser uma pessoa melhor. Tudo isso para encher de orgulho seu coração, afinal, esta vitória é da senhora também. Aos meus irmãos Silvana Leal e Erley Leal por acreditarem em minhas escolhas e apoiarem-me sempre para que eu pudesse realizar todas elas.

Agradeço também ao meu sobrinho Henzo Gustavo Leal, a quem quero expressar minha imensa gratidão por todo o apoio valioso que você tem oferecido ao longo do meu trabalho, sua dedicação em me apoiar não apenas fortalece nossos laços familiares, mas também faz uma diferença significativa na minha vida profissional. Suas palavras de encorajamento e incentivo têm sido como um farol, iluminando os dias mais desafiadores e me impulsionando a persistir em meio às dificuldades. É incrível poder contar com um sobrinho tão generoso e atencioso como você.

Agradeço aos amigos e professores Antônio dos Santos, Madalena Silveira e Elda Barbosa Barros Dourado, por me apoiaram durante a elaboração deste trabalho. Gostaria de expressar minha mais profunda gratidão por todo o empenho, dedicação e amor que dedicam diariamente à educação deste país. Vocês desempenham um papel fundamental na construção de um ambiente escolar acolhedor, inspirador e motivador.

Enfim, agradeço a todos os amigos e familiares que contribuíram de forma direta ou indireta para que eu pudesse chegar ao fim desta caminhada.

Muito obrigada!

É preciso alimentar a imaginação de nossos alunos, compartilhar leituras com eles e oferecer-lhes experiências de fruição para que descubram os encantos da literatura como uma forma de arte que possibilita conhecermelhor a si mesmos, ao mundo e aos que os cercam, para que se tornem pessoas mais sensíveis, mas críticas, mais criativas.

ELIZABETH BALDI

## **RESUMO**

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a compreensão dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental sobre a relação entre contos de fadas e fábulas, com o intuito de promover o letramento literário no processo de ensino aprendizagem. A proposta abrange o entendimento de como essas narrativas clássicas desempenham um papel significativo no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, influenciando também a percepção delas sobre valores, moralidade e o mundo ao seu redor. Além disso, o estudo tem como objetivos específicos analisar como os contos de fadas e fábulas contribuem para o desenvolvimento leitor e imaginário da criança; compreender o processo de ensino e aprendizagem por meio dos contos de fadas e fábulas e examinar as práticas pedagógicas dos professores ao abordar essas histórias em sala de aula. Para alcançar esses objetivos, realizou-se uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa e uma pesquisa de campo por meio de entrevistas, a fim de identificar práticas pedagógicas que promovam não apenas a compreensão, mas também a apreciação dessas histórias atemporais. A análise se concentrou na abordagem dos professores em relação aos contos de fadas e fábulas, visando destacar estratégias que contribuam para o enriquecimento do processo educacional. Ao abordar o papel dos professores na introdução desses elementos literários, espera-se que os resultados desta pesquisa possam oferecer insights valiosos para a construção de estratégias educacionais mais eficazes. Essa contribuição, por sua vez, tem o potencial de enriquecer o ambiente de ensino e aprendizagem, especialmente na fase crucial do Ensino Fundamental I.

**Palavras-chave:** Contos de Fadas. Fábulas. Imaginário Infantil. Práticas Pedagógicas.

## **ABSTRACT**

The present research aims to analyze the understanding of elementary school teachers regarding the relationship between fairy tales and fables, with the purpose of promoting literary literacy in the teaching-learning process. The study encompasses an understanding of how these classic narratives play a significant role in children's cognitive and emotional development, also influencing their perception of values, morality, and the world around them. Additionally, the specific objectives of the study include analyzing how fairy tales and fables contribute to children's reading and imaginative development; understanding the teaching and learning process through these narratives; and examining teachers' pedagogical practices when addressing these stories in the classroom. To achieve these objectives, a bibliographic research with a qualitative approach was conducted, along with a field study through interviews, aiming to identify pedagogical practices that promote not only comprehension but also the appreciation of these timeless stories. The analysis focused on teachers' approaches to fairy tales and fables, seeking to highlight strategies that enhance the educational process. By addressing the role of teachers in introducing these literary elements, this research aims to provide valuable insights for the development of more effective educational strategies. This contribution, in turn, has the potential to enrich the teaching and learning environment, especially in the crucial stage of early elementary education.

**Keywords:** Fairy Tales. Fables. Children's Imagination. Pedagogical Practices.

## LISTAS DE FIGURAS

<b>Figura 1 – Vista externa da escola</b>	<b>45</b>
<b>Figura 2 – Município de Sampaio, Tocantins</b>	<b>47</b>
<b>Gráfico 1 – De que forma você incentiva a participação ativa dos estudantes durante as atividades de leitura em sala de aula?</b>	<b>49</b>
<b>Gráfico 2 –Como você adapta suas práticas de mediação da leitura para atender às necessidades individuais dos estudantes?</b>	<b>54</b>
<b>Gráfico 3 –Como você integra a mediação da leitura em outras disciplinas além de língua portuguesa?</b>	<b>59</b>
<b>Gráfico 4 – Em suas aulas, como ocorrem geralmente as interações em torno do texto literário?</b>	<b>64</b>
<b>Gráfico 5 – De que maneira você promove a leitura e um ambiente escolar que vai além das aulas regulares?</b>	<b>70</b>
<b>Gráfico 6 – Como a tecnologia pode ser incorporada de forma eficaz para apoiar a mediação de leitura na sala de aula?</b>	<b>76</b>
<b>Gráfico 7 – Quais métodos específicos você utiliza para avaliar o progresso dos estudantes na compreensão e interpretação de textos ao longo do tempo?</b>	<b>82</b>

## SUMARIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2 O FASCÍNIO DA LEITURA LITERÁRIA NA INFÂNCIA</b>	<b>18</b>
2.1 Magia entre as palavras: uma jornada pela definição de leitura literária .....	19
2.2 Explorando o impacto significativo da literatura infantil.....	21
2.3 Escolarização da leitura literária.....	23
2.4 A mediação.....	28
2.5 O professor como mediador da leitura literária .....	29
<b>3 O PAPEL DOS CONTOS DE FADAS E DAS FÁBULAS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E EMOCIONAL INFANTIL</b>	<b>31</b>
3.1 O surgimento da literatura infantil no Brasil .....	32
3.2 Gêneros textuais .....	34
3.3 Gênero textual: conto de fadas .....	35
3.4 A arte encantadora das fábulas .....	37
3.5 A influência da psicanálise no desenvolvimento infantil por meio de contos e fábulas .....	38
<b>4 VISÕES DOS PROFESSORES</b>	<b>41</b>
4.1 Apresentação do campo de pesquisa .....	44
4.1.1 <i>Escola lócus da pesquisa</i>	44
4.1.2 <i>O município de Sampaio, Tocantins</i>	46
4.2 Apresentação dos resultados .....	48
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>88</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>91</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>91</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>92</b>
<b>ANEXO I – APLICAÇÃO DAS ATIVIDADES.....</b>	<b>92</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação faz parte do programa de pós-graduação em Letras na área de concentração: Estudos Literários e tem como propósito analisar a importância da leitura como ferramenta essencial para a aquisição de conhecimento e desenvolvimento do pensamento crítico. Inserida na linha de pesquisa estudos literários, esta investigação busca demonstrar que a leitura não deve ser vista como uma atividade monótona, mas sim como um processo dinâmico e enriquecedor, capaz de ampliar o repertório linguístico e estimular o raciocínio.

A autora deste estudo, Andreia Leal dos Santos, possui uma trajetória acadêmica voltada para o ensino de letras, exercendo o magistério há mais de 18 anos nas disciplinas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Ao longo de sua jornada, dedicou-se à investigação sobre estratégias para incentivar a leitura e promover o desenvolvimento do pensamento crítico. Sua trajetória acadêmica inclui pesquisas e experiências que reforçam a importância da leitura como ferramenta essencial na construção do conhecimento. Com base nessa experiência, este trabalho propõe reflexões e estratégias para transformar a leitura em um hábito motivador e acessível a diferentes públicos.

Dessa forma, ao reconhecer a leitura como um elemento central para a construção do conhecimento e o desenvolvimento do pensamento crítico, torna-se essencial refletir sobre os agentes responsáveis por estimular essa prática. No contexto educacional, a escola desempenha um papel fundamental ao proporcionar o contato com diferentes tipos de textos e incentivar a formação de leitores críticos e autônomos. Nesse sentido, a atuação do professor como mediador da leitura é indispensável, uma vez que sua abordagem pedagógica pode despertar nos estudantes o interesse e o prazer pela leitura, contribuindo para a ampliação de suas competências linguísticas e sociais.

Assim, o professor necessita ter consciência de seu importante papel enquanto mediador na formação leitora e cidadã dos estudantes, visto que o ambiente escolar oportuniza a eles o contato com a leitura e, para além disso, o documento deve buscar formas de desenvolver o gosto pela leitura em seus estudantes.

Nesse contexto, Oliveira (2010) argumenta que

A literatura contribui para a formação da criança em todos os aspectos, especialmente na formação de sua personalidade, por meio do desenvolvimento estético e da capacidade crítica, garantindo a reflexão sobre seus próprios valores e crenças, como também os da sociedade a que pertence (OLIVEIRA, 2010).

Partindo dessas considerações, inserir a criança no mundo literário é dar a oportunidade para que ela, a partir da leitura, aprenda ainda mais por meio da imaginação, do olhar, da escrita e da oralidade. Isso possibilita a apropriação de uma atitude crítica em relação ao mundo.

Sendo assim, os contos de fadas e as fábulas têm desempenhado um papel significativo ao longo da história no desenvolvimento infantil, contribuindo não apenas para o entretenimento, mas também para a formação do caráter e valores das crianças. Este estudo explora a influência do universo encantado dos contos de fadas na infância e o papel das fábulas na construção do caráter, examinando as diversas maneiras pelas quais essas narrativas moldam a percepção moral e ética das crianças.

Entende-se que o contato com as histórias infantis possibilita a criança o ensaio de vários papéis sociais, proporcionando a construção da sua personalidade, bem como, promovendo a socialização, a troca de experiência e uma maior inserção no grupo social. Além disso, permite o desenvolvimento da imaginação, da criação, e da percepção de mundo, a partir das possíveis interpretações dos contos de fadas.

Nesse sentido, é relevante uma pesquisa sobre a relação entre os contos de fadas e fábulas e o desenvolvimento do imaginário infantil. Este trabalho se propõe a analisar o trabalho docente nas turmas de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I, da Escola Municipal 1º de Junho, no município de Sampaio, estado do Tocantins, no intuito de compreender se a leitura desses gêneros aguça o desenvolvimento do imaginário dos educandos, tornando ainda a possibilidade de se perceber quais as técnicas estão sendo utilizadas pelos docentes para contribuir com o despertar do imaginário das crianças.

Como foi previamente explicado, os contos de fadas e fábulas têm uma influência multifacetada no desenvolvimento do imaginário infantil, proporcionando benefícios cognitivos, emocionais e sociais. A visão dos professores dos anos

iniciais do ensino fundamental destaca a importância dessas narrativas como ferramentas valiosas no processo educacional e no crescimento holístico das crianças.

De acordo com o exposto, o objetivo deste estudo é analisar a compreensão dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental sobre a relação entre contos de fadas e fábulas, com o intuito de promover o letramento literário no processo de ensino aprendizagem.

O estudo tem como objetivos específicos: a) analisar como os contos de fadas e fábulas contribuem para o desenvolvimento leitor e imaginário da criança; b) compreender o processo de ensino e aprendizagem por meio dos contos de fadas e fábulas; e c) examinar as práticas pedagógicas dos professores ao abordar essas histórias em sala de aula.

Nesse sentido, questiona-se: como os contos de fadas e fábulas influenciam e contribuem para o desenvolvimento do imaginário infantil, na visão de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental I?

Para desenvolver essa análise, foi realizada uma investigação intitulada “Contos de fadas e fábulas e sua relação com o imaginário infantil: um olhar dos professores do Ensino Fundamental I”, a qual busca compreender o impacto dessas narrativas no processo de ensino-aprendizagem. O estudo evidencia que os contos de fadas e as fábulas não apenas estimulam a imaginação das crianças, mas também desempenham um papel essencial na construção do pensamento crítico e no desenvolvimento socioemocional. Além disso, os resultados apontam benefícios relevantes para a comunidade educacional, como a criação de estratégias pedagógicas mais envolventes, o incentivo à leitura, a valorização do imaginário infantil e a promoção de valores morais e sociais. Outro aspecto relevante é a possibilidade de adaptação curricular, permitindo que essas narrativas sejam incorporadas de maneira eficaz ao planejamento pedagógico, tornando o processo de aprendizagem mais significativo e atrativo para os estudantes.

Como caminho metodológico para esse trabalho, optou-se pela pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa e um estudo de caso, considerando que a valorização do processo e análise dos fenômenos envolvidos no contexto pode ser bem mais compreendida quando há uma interação social entre o sujeito e o pesquisador. “O estudo de caso tem se tornado a estratégia preferida quando os

pesquisadores procuram responder ‘como’ e ‘por quê’ certos fenômenos ocorrem, quando há pouca possibilidade de controle sobre os eventos estudados e quando o foco de interesse é sobre fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de algum contexto de vida real.” (Godoy, 1995, p. 25).

O lócus da pesquisa foi a Escola Municipal 1º de Junho, sediada no município de Sampaio – Tocantins, pertencente ao sistema municipal de ensino. Os participantes foram cinco professores que atuam como regentes nas turmas de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I.

A escolha por essa metodologia se justifica pela compreensão aprofundada que pode ser alcançada ao valorizar o processo e analisar os fenômenos dentro do contexto, destacando a importância da interação social entre o sujeito da pesquisa e o pesquisador.

O foco da pesquisa de campo está na captação direta de informações, experiências e dados no local ou ambiente em estudo, visando a uma análise e interpretação mais aprofundada, nesse sentido, a pesquisa foi direcionada aos professores.

Os principais procedimentos adotados para a coleta de dados incluíram:

1. Pesquisa bibliográfica do tema abordado no projeto: esse passo visa embasar teoricamente a pesquisa, permitindo uma compreensão mais ampla do contexto e das variáveis envolvidas.

2. Entrevista semiestruturada com os docentes: foi realizada uma abordagem flexível, permitindo aos professores expressarem suas percepções, experiências e opiniões sobre o tema em questão. O questionário para entrevista continha 20 questões que abrangiam tanto aspectos objetivos quanto subjetivos, proporcionando uma abordagem abrangente e enriquecedora.

3. Observação das práticas pedagógicas dos docentes: a análise in loco das atividades dos professores proporcionará uma compreensão mais detalhada das dinâmicas educacionais no ambiente escolar.

Para uma melhor compreensão do leitor, apresenta-se este estudo em três partes da dissertação. Na primeira, intitulada “O fascínio da leitura literária na infância”, são discutidas definições de leituras literárias, escolarização da leitura literária: quais os problemas que acontecem na prática, o que é mediação, qual o

papel do professor no processo, com base em teóricos como Bettelheim (2002) Regina Zilberman (2013). Cosson (2011), Marisa Lajolo (2018).

No capítulo intitulado “o papel dos contos de fadas e das fábulas no desenvolvimento cognitivo e emocional infantil”, busca-se definir as características dos gêneros, conto de fadas e fábulas. Além disso, procura-se estabelecer a importância desses contos no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. Para embasar essa parte, temos por base Mortatti (2001), Gregorin Filho (2006), Lajolo e Zilberman (1988).

No Capítulo “visões dos professores: integração dos contos de fadas e fábulas na prática pedagógica”, iniciou-se a investigação, explorando o contexto educacional em que a escola municipal se insere. Essa abordagem abrange não apenas a estrutura geral da escola, mas também uma análise detalhada da composição do corpo docente. Nesse sentido, examinou-se a quantidade de professores, suas formações acadêmicas, alicerçando o entendimento sobre a base educacional existente. Foram realizadas reflexões sobre os desafios e oportunidades associados à efetiva implementação de contos de fadas e fábulas na sala de aula.

Essa seção proporciona uma jornada coerente e coesa que começa pela apresentação do campo de pesquisa, seguida pela análise dos formulários, integrando as respostas dos professores com a contribuição de teóricos, e concluindo com reflexões profundas sobre os desafios e oportunidades associados à implementação efetiva de contos de fadas e fábulas na prática pedagógica com base em Adelaide Tassi (2002).

O uso da literatura infantil em sala de aula é considerado fundamental, uma vez que as histórias presentes nesse contexto não apenas facilitam a compreensão da realidade pelas crianças, mas também exercem influência na formação de seus caracteres. Essas narrativas proporcionam uma proximidade das crianças com experiências que, muitas vezes, só podem ser vivenciadas por meio das histórias.

Nesse sentido, esperamos que este estudo contribua com o trabalho docente para o desenvolvimento de uma visão embasada sobre o letramento literário. A intenção é utilizar as experiências observadas nesse ambiente como um meio de estimular o gosto pela leitura entre as crianças, reconhecendo-a como uma ferramenta eficaz para ampliar horizontes e incentivar futuros leitores.

## 2 O FASCÍNIO DA LEITURA LITERÁRIA NA INFÂNCIA

A infância é um período do desenvolvimento humano, marcado por descobertas, aprendizado e formação de identidade. Nesse contexto, a leitura literária emerge como uma ferramenta fundamental, capaz de despertar a imaginação, estimular o pensamento crítico e moldar valores.

Assim, cabe destacar que os livros infantis, repletos de personagens fascinantes e mundos imaginários, incentivam as crianças a visualizarem e a explorarem novas possibilidades. Esse exercício não apenas enriquece o repertório cognitivo, mas também contribui para o desenvolvimento de habilidades de resolução de problemas e pensamento crítico.

Além disso, a leitura literária é uma ferramenta para o desenvolvimento da empatia. Ao se identificarem com personagens diversos e viverem suas histórias, as crianças aprendem a compreender diferentes perspectivas e a reconhecer a diversidade do mundo que as cerca. Esse contato com a diversidade cultural e emocional presente na literatura promove uma visão mais aberta e tolerante, essencial para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Além disso, a magia da leitura na infância também está intrinsecamente ligada ao fortalecimento dos laços afetivos. O momento da leitura compartilhada entre pais, familiares ou educadores cria um ambiente propício para o aprendizado e estabelece vínculos emocionais valiosos. Logo, essa prática não só fortalece o relacionamento entre adultos e crianças, mas também transmite valores, valores e tradições de uma geração para outra.

Entretanto para que a magia da leitura literária se concretize, é crucial proporcionar às crianças acesso a uma variedade de livros adequados à sua faixa etária e interesses. Meios eficazes para garantir que a magia dos livros esteja ao alcance de todas as crianças, independentemente de sua origem social ou econômica, incluem bibliotecas escolares, projetos de incentivo à leitura e a promoção de eventos literários. Segundo Rodrigues (2015), a leitura assume um papel de suma importância na aprendizagem, pois representa uma fonte riquíssima de informações, desperta diferentes emoções, explorando no universo imaginário situações reais que permitem à criança se identificar de diversas maneiras. Ao resgatar valores e contribuir para o desenvolvimento da leitura e escrita, a literatura

infantil também desempenha um papel crucial na formação de cidadãos conscientes e críticos.

De forma clara e objetiva, essa forma de literatura transforma sentimentos e sensações, incentivando a criança a perceber a importância de expressar sua opinião sem receios, além de seu caráter educativo, a literatura infantil combina o útil ao agradável, proporcionando entretenimento enquanto instrui. Nesse contexto, ela desempenha um papel fundamental ao auxiliar o ouvinte na decodificação do mundo. Conforme destacado por Zilberman (2003), as histórias infantis são de grande valia, pois:

Sua atuação dá-se dentro de uma faixa de conhecimento, não porque transmite informações e ensinamentos morais, mas porque pode outorgar ao leitor a possibilidade de desdobramento de suas capacidades intelectuais. O saber adquirido dá-se, assim, pelo domínio da realidade empírica. (ZILBERMAN, 2003, p. 46)

Em suma, a leitura literária na infância é mais do que uma simples atividade recreativa; é uma porta de entrada para um mundo de descobertas, aprendizados e transformações. A magia contida nas páginas dos livros transcende o entretenimento, moldando mentes e corações, e deixando um impacto duradouro que perdura ao longo da vida. Investir na promoção da leitura literária na infância é investir no desenvolvimento pleno e na formação de cidadãos conscientes, críticos e empáticos.

## **2.1 Magia entre as palavras: uma jornada pela definição de leitura literária**

A prática da leitura literária desempenha um papel essencial no enriquecimento intelectual e cultural do leitor. Essa atividade envolve a interpretação e compreensão de diversas formas literárias, como romances, contos, poesias e peças teatrais, proporcionando uma imersão em universos fictícios e a oportunidade de explorar diferentes perspectivas, além de vivenciar experiências emocionais e intelectuais únicas.

Cosson (2011) cita que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. Repensar o ensino e a aprendizagem da literatura nas escolas constitui uma questão de significativa relevância e, inúmeras vezes,

ela é vista como uma disciplina desnecessária, havendo conteúdos mais relevantes a serem estudados pelos alunos.

Entretanto, definir letramento literário é tarefa complexa, pois vai muito além do simples ato de decifrar palavras. Esse conceito pressupõe, antes de tudo, uma interação única entre o leitor e a obra, um diálogo sutil que permite a imersão em mundos fictícios ou na rica tapeçaria da realidade reinterpretada.

A leitura literária não se restringe a absorver o enredo ou compreender a estrutura narrativa. Ela é, acima de tudo, uma experiência sensorial e intelectual que desafia e enriquece a mente do leitor. Bloom (2001) ressalta que, ao mergulhar nas palavras de um autor, o leitor é convidado a explorar camadas mais profundas de significado, a decifrar metáforas e a apreciar a beleza intrínseca da linguagem utilizada. Dessa forma, a leitura literária não apenas informa, mas também transforma, moldando a perspectiva do leitor e enriquecendo sua compreensão do mundo.

A definição de leitura literária não pode ser dissociada da apreciação estética. É um ato que envolve sensibilidade para captar nuances emocionais e estilísticas, apreciando a música das palavras e a harmonia das frases. Além disso, essa leitura transcende o tempo e o espaço. Ao explorar obras clássicas e contemporâneas, o leitor entra em um diálogo intergeracional, conectando-se com as experiências e reflexões de diferentes épocas. Essa continuidade no tempo confere à leitura literária um caráter atemporal, transformando-a em uma ponte que conecta passado, presente e futuro.

Cosson (2011) diz que se o aluno sai da escola não gostando de leituras da ordem da ficção literária, a adoção dessa prática cultural em sua vida acaba tornando-se incerta ou, por vezes, inexistente. Geralmente na escola se lê pouco e com fins didáticos: lê-se para apresentar um seminário, fazer a análise de um romance ou poema, relacionar os conhecimentos presentes nos textos de forma transdisciplinar, preparar-se para concursos entre outras finalidades, talvez por isso, a leitura fora da escola esteja fortemente condicionada pela maneira como essa instituição tem organizado o seu fazer docente em relação a esse objeto.

## 2.2 Explorando o impacto significativo da literatura infantil

Ao longo da história, a literatura tem sido constantemente envolvida em preocupações de cunho educacional, sendo reconhecida por sua capacidade reveladora de promover o conhecimento e o encantamento. No entanto, os caminhos percorridos revelaram debates intensos, especialmente no que diz respeito à sua didática, principalmente na compreensão do que constitui a literatura infantil. Segundo Lajolo (2018),

os critérios pelos quais se tenta identificar o que torna um texto literário ou não literário: o tipo de linguagem empregada, as intenções do escritor, os temas e assuntos de que se trata, o efeito produzido pela sua leitura. (LAJOLO, 2018, p.27).

A perspectiva apresentada por Lajolo (2018) estabelece uma conexão significativa com o propósito desta pesquisa, uma vez que teoria e prática se entrelaçam na vida cotidiana, por vezes de maneira fragilizada, suscitando questionamentos sobre a execução da literatura e a compreensão dela.

Literatura pode ser entendida como resultado de um uso especial de linguagem que, por meio de diferentes recursos, sugere o arbitrário da significação, a fragilidade da aliança entre o ser e o nome, pois participa de uma das propriedades da linguagem: a capacidade de simbolizar e de, simbolizando, simultaneamente afirmar e negar a distância entre o mundo dos símbolos e dos seres simbolizados. (LAJOLO, 2018, p. 37)

Conforme indicado pela autora, a essência da literatura é moldada pela situação de utilização e pela maneira como as pessoas são envolvidas pela beleza de ler literatura. Quando se direciona o olhar para a literatura Infantil, a fantasia adquire força, o encantamento cria possibilidades e diversos mundos se revelam.

Em outras palavras, isso se configura como um convite potencial para o desenvolvimento cognitivo da criança. Essa perspectiva se alinha às ideias de Cademartori (2010), que destaca a literatura como um "veículo de informações" e uma fonte de "elementos formativos" na aquisição do conhecimento. Segundo a autora,

Promover, intermediar, comentar a literatura infantil é o modo de oferecer aos pequenos um tipo de informação e de recorte do mundo distintos daqueles que consomem diariamente (CADEMARTORI, 2010, p. 06).

Nessa perspectiva, a leitura de obras literárias desempenha um papel crucial na expansão desses conhecimentos, estimulando a imaginação infantil. Dessa forma, a criança pode estabelecer conexões entre as narrativas que escuta e suas próprias vivências, promovendo o desenvolvimento da criatividade, da imaginação, da atenção e, sobretudo, cultivando o encantamento pela literatura infantil. Portanto, a literatura:

manifesta através do fictício e da fantasia, um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão para interpretá-lo. Veículo de patrimônio cultural da humanidade, a literatura se caracteriza, a cada obra, pela proposição de novos conceitos que provocam subversão do já estabelecido. (CADEMARTORI, 2010, p.16)

Esse tipo de aprendizado abrangente favorece uma experiência harmônica no acesso à literatura para a criança. A introdução da literatura em sua vida potencializa a exploração do imaginário, atendendo, assim, às necessidades específicas do momento presente.

Experiências felizes com a literatura infantil em sala de aula são aquelas em que a criança interage com os diversos textos trabalhados de tal forma que possibilite o entendimento do mundo em que vivem e que construam, aos poucos, seu próprio conhecimento (NASCIMENTO, 2006, p.25).

Nesse intercâmbio recíproco, as crianças terão a chance de dar vazão às suas vontades e pensamentos, construindo e elaborando novos conhecimentos. Esse processo interacional propicia o estímulo das descobertas infantis.

Nesse sentido, o estímulo à leitura desde a infância desempenha um papel fundamental na formação de leitores críticos e autônomos. No ambiente escolar, essa prática precisa ser planejada de forma intencional, garantindo que a leitura literária não seja apenas um momento de entretenimento, mas também uma oportunidade de ampliar repertórios culturais e desenvolver habilidades interpretativas. Assim, a escolarização da leitura literária surge como um processo essencial para consolidar o hábito de ler, tornando-o parte integrante da experiência educacional dos estudantes. Sobre isso, se versará melhor no próximo item.

### 2.3 Escolarização da leitura literária

A escolarização da leitura literária é um elemento essencial na formação educacional, desempenhando um papel significativo no desenvolvimento integral dos estudantes. Ao integrar a literatura no ambiente escolar, não apenas é proporcionado o aprimoramento das habilidades linguísticas, mas também é fomentado um terreno fértil para o florescimento da imaginação, a compreensão profunda da complexidade humana e o estímulo à empatia.

Observa-se que muitos educadores enfrentam dificuldades ao abordar textos literários em ambiente escolar. A tarefa de proporcionar aos alunos a experiência da leitura de livros, com o intuito de contribuir para a formação de um leitor literário capaz de realizar suas próprias escolhas, tem se mostrado desafiadora.

Além disso, a avaliação da leitura tornou-se, em grande parte, um processo penoso, muitas vezes percebido como uma punição ou uma exigência desnecessária. Essa abordagem acaba por afastar os alunos da prática da leitura, em vez de aproximar-los desse universo. Torna-se imperativo repensar a abordagem da leitura literária no contexto escolar.

Conforme argumenta Soares (2011), o processo de escolarização é inevitável, uma vez que a escola é naturalmente uma instituição voltada para a transmissão de conhecimentos específicos. No entanto, é crucial encontrar uma abordagem adequada para a escolarização da literatura, sem desvirtuá-la ou distorcê-la, mas sim tornando-a mais atrativa e desafiadora.

Há concordância com Soares (2011) quando ela destaca a necessidade de repensar a escolarização da leitura literária, tornando-a sedutora e desafiante. Nesse sentido, é fundamental buscar estratégias que promovam uma relação mais positiva entre os alunos e a literatura, incentivando o prazer pela leitura e contribuindo para o desenvolvimento de leitores autônomos e críticos.

Portanto, não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar “saber escolar”, se escolarize, e não se pode atribuir, em tese, conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola. (SOARES, 2011 p. 21).

O autor utiliza o termo "tese" para abordar a escolarização da literatura na escola, salientando que, da maneira como tem sido implementada, essa prática adquire uma conotação negativa. Importante ressaltar que a objeção não está em negar a escolarização em si, mas sim em criticar sua inadequação, incorreção e inapropriada execução. A autora alerta para o fato de que essa escolarização inadequada pode se manifestar em relação a qualquer outro conhecimento quando é transformado em saberes escolares.

É crucial, conforme enfatizado pela autora, (re)descobrir a abordagem correta para o ensino da literatura. Isso envolve compreender como trabalhar o texto literário, orientar os alunos de maneira apropriada e utilizar estratégias eficazes para incentivar a leitura de livros. O objetivo é promover uma escolarização que atenda às necessidades dos alunos de maneira adequada. Em concordância com Zilberman (2003):

Tal decisão por uma mudança de rumos implica algumas opções por parte do professor, delimitadas estas, de um lado, pela escolha do texto e, de outro, pela adequação deste último ao leitor. Dessa maneira, as fronteiras se estendem da valorização da obra literária à relevância dada ao procedimento da leitura. (ZILBERMAN, 2003, p. 26).

A leitura e o estudo de livros de literatura são encarados como tarefas ou deveres escolares devido à escolarização. Nesse contexto, a leitura é constantemente avaliada, independentemente da atividade realizada, pois é inerente à essência da escola realizar avaliações. É importante destacar que, ao contrário do ambiente escolar, fora da escola, não há a necessidade de demonstrar ou comprovar que se lê um livro.

Quando a escola assume a responsabilidade pela literatura, é inevitável que ela seja submetida ao processo de escolarização. Na instância da leitura e estudo de textos, a literatura se apresenta na escola por meio de fragmentos que exigem leitura, compreensão e interpretação. No entanto, é nesta fase que a literatura, muitas vezes, se mostra inadequada, não sendo abordada de maneira eficaz.

Assim, Cavalcanti (2009) afirma:

Os textos são apresentados de forma incoerente, são mesmo mutilados, uma vez que pinça fragmentos das obras de grandes autores e, posteriormente, os leitores devem responder às questões de interpretação e gramática. Ora, isso é uma violência contra a arte, contra o autor e contra

a formação de leitores. Mas, ainda é assim que se tem feito. (CAVALCANTI, 2009, p. 28).

É conhecido que algumas instituições educacionais buscam proporcionar experiências distintas em ambientes especialmente designados para a prática da leitura. Embora essa abordagem seja louvável, é fundamental que o docente ou qualquer outro responsável por tais atividades esteja devidamente capacitado e nutra uma paixão genuína pela leitura. Caso contrário, corre-se o risco de utilizar a leitura literária como mero pretexto para impor a análise de um texto específico, visando, em última instância, à avaliação.

Segundo Soares (2011), diversas inadequações no ensino da literatura são identificados nas escolas, destacando-se alguns pontos:

- **Gêneros literários nos livros didáticos:** Os textos narrativos apresentam desestruturação, especialmente no que diz respeito à poesia.
- **Seleção de autores e obras:** A ausência de critérios apropriados para essa seleção é notável, muitas vezes sem referências bibliográficas ou informações sobre o autor, resultando na independência do texto em relação à obra e desvinculando o autor do seu trabalho. É fundamental promover a compreensão dos conceitos de autoria, obra e fragmentos de obra.
- **Seleção do fragmento que constituirá o texto:** A necessidade de adequação aos currículos e horários escolares leva à fragmentação de textos maiores. Contudo, é crucial que o fragmento selecionado se constitua como um texto por si só.

Sobre este tema, Soares (2011) afirma que:

Em síntese, e concluindo este item sobre a fragmentação da narrativa em “textos” propostos à leitura em livros didáticos, pode-se afirmar que a escolarização – inevitável, repita-se o adjetivo – da literatura infantil faz-se frequentemente de forma inadequada e, mais que isso, prejudicial mesmo, pois abala o conceito que a criança tem, intuitivamente, da estrutura da narrativa, dá-lhe uma ideia errônea do que é um texto e pode induzi-la a produzir ela mesma pseudotextos, já que estes é que lhe são apresentados como modelo. (SOARES, 2011, p. 36).

A transposição de um texto de sua origem literária para as páginas de um livro didático inevitavelmente impõe transformações significativas. Diante desse processo, é imperativo preservar as características essenciais da obra literária, evitando alterações que comprometam a literalidade do texto. As mudanças,

quando necessárias, devem ser realizadas com o devido respeito aos aspectos fundamentais, tais como a estrutura de parágrafos, a manutenção de palavras e expressões, a preservação do título original, a fidelidade ao contexto textual e a não distorção do gênero do texto.

Reconhece-se que é praticamente impossível transportar um texto do seu suporte literário para o contexto do livro didático sem introduzir algumas modificações. Contudo, é essencial que esse processo respeite a essência caracterizadora do texto literário. A escolarização deve seguir critérios que garantam a preservação do valor literário da obra.

Nos livros didáticos, os textos destinados à leitura pelos alunos são frequentemente acompanhados por exercícios de "estudo do texto". O objetivo declarado é conduzir os alunos à análise, à compreensão e à interpretação do texto, conforme destacado por Soares (2011). No entanto, essa atividade, muitas vezes, centra-se nos conteúdos informativos dos textos, afastando-se da natureza original da obra literária. Ao ser transplantado para o livro didático, o texto literário transforma-se em um material de estudo, perdendo sua função inicial de entreter e proporcionar prazer ao leitor.

Sobre este tema, Soares (2011) afirma que:

Os objetivos de leitura e estudo de um texto literário são específicos a este tipo de texto, devem privilegiar aqueles conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias à formação de um bom leitor de literatura: a análise do gênero do texto, dos recursos de expressão e de recriação da realidade, das figuras autor-narrador, personagem, ponto de vista (no caso da narrativa), a interpretação de analogias, comparações, metáforas, identificação de recursos estilísticos, poéticos, enfim, o "estudo" daquilo que é textual e daquilo que é literário. (SOARES, 2011, p. 43).

Diante da citação anterior, observa-se que, na prática, os livros didáticos frequentemente adotam uma abordagem oposta. Em grande parte, os exercícios propostos aos alunos se concentram em atividades de compreensão, como a localização de informações no texto, ou envolvem aspectos metalingüísticos, como gramática e ortografia.

Além disso, é comum encontrar exercícios que solicitem opiniões dos alunos, instigando a busca por ensinamentos morais presentes no texto. Vale ressaltar que, muitas vezes, as respostas para tais exercícios são fornecidas no próprio livro didático do professor, indicando de antemão o que o aluno deve

perceber ou aprender do texto. Kleiman (2012) reafirma esse cenário ao destacar:

De fato, essa tentativa seria incoerente se o ensino de leitura seguisse a prática escolar, tanto do professor como do livro didático, que privilegia uma leitura, a do professor, como a única leitura correta, autorizada. Essa orientação fica evidente na divisão que o livro didático faz entre “perguntas de compreensão” que, como apontamos anteriormente, na maior parte são perguntas sobre informação que aparece explicitamente no texto, e a “resposta pessoal”, que parece ser o único momento, também controlado pelo autor do livro didático ou pelo professor, em que prevê que o aluno chegue a uma opinião própria, isto é, se coloque como sujeito da leitura. (KLEIMAN, 2012, p. 73).

Dentro das considerações apresentadas, Liberato (2012) argumenta a necessidade de aprimorar a legibilidade dos textos didáticos, visando torná-los mais acessíveis e comprehensíveis. Esse aprimoramento abrange não apenas a linguagem utilizada, mas também a clareza em relação ao conteúdo abordado, favorecendo assim a compreensão e simplificando o processo de aprendizado da leitura. A proposta envolve a realização de atividades que levem em consideração a diversidade de ritmos, habilidades de compreensão, capacidade de abstração e concentração dos alunos.

Ao se tornar um educador dedicado a uma transformação nas práticas de sala de aula relacionadas à leitura literária e, ao reconhecer a leitura como um caminho que conduz a mundos infinitos, tanto internos quanto externos, haverá efetivamente contribuições para uma abordagem educacional mais adequada no âmbito da literatura. Essa sensibilidade e crença no poder da leitura são essenciais para proporcionar uma experiência escolar enriquecedora nesse campo.

No entanto, para que essa transformação na prática pedagógica ocorra de maneira efetiva, é imprescindível que o educador atue não apenas como um facilitador, mas como um mediador ativo do processo de leitura. A mediação docente desempenha um papel essencial na criação de experiências literárias significativas, pois envolve a seleção criteriosa de textos, o estímulo ao diálogo interpretativo e a construção de conexões entre a literatura e a vivência dos estudantes. Nesse contexto, compreender a mediação como um recurso pedagógico estratégico torna-se fundamental para potencializar os impactos positivos da leitura literária no ambiente escolar. É o que se verá no próximo item 1.4.

## 2.4 A mediação

A mediação do professor, no contexto educacional, refere-se ao papel ativo e orientador que um educador desempenha no processo de aprendizagem dos alunos. Em vez de adotar uma abordagem tradicional centrada no ensino, por meio da qual o professor simplesmente transmite informações aos alunos, a mediação do professor destaca a importância do facilitador no desenvolvimento do conhecimento dos estudantes.

Algumas características da mediação do professor, de acordo com o Guia prático de introdução às metodologias ativas de aprendizagem (2022), incluem:

- **Facilitação da Aprendizagem Ativa:** Em vez de apenas fornecer informações, o professor projeta atividades que incentivam os alunos a participaremativamente do processo de aprendizagem. Isso pode envolver discussões em grupo, projetospráticos, pesquisa independente e outras estratégias interativas.
- **Estímulo ao Pensamento Crítico:** O professor incentiva os alunos a questionarem, analisarem e refletirem sobre o que estão aprendendo. Isso promove o desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de resolver problemas.
- **Adaptação às Necessidades Individuais:** O mediador observa as necessidades e estilos de aprendizagem individuais dos alunos, ajustando suas abordagens de ensino para atender a essas diferenças.
- **Feedback Construtivo:** O professor fornece feedback construtivo e orientações para ajudar os alunos a melhorarem seu desempenho e a compreenderem melhor os conceitos.
- **Criação de Ambientes de Aprendizagem Inclusivos:** O professor estabelece um ambiente de aprendizagem que é colaborativo, inclusivo e respeitoso, onde os alunos se sentem à vontade para expressar suas ideias e opiniões.

A mediação do professor visa capacitar os alunos a se tornarem aprendizes autônomos, capazes de pensar criticamente, resolver problemas e aplicar o conhecimento em contextos do mundo real. Essa abordagem destaca a importância da interação e da colaboração no processo educacional, reconhecendo que o

professor desempenha um papel vital na orientação e no apoio ao desenvolvimento acadêmico e pessoal dos estudantes.

## 2.5 O professor como mediador da leitura literária

Conforme destaca Pascoal (2009), é fundamental que o professor assuma o papel de leitor ativo antes mesmo de se tornar um formador de leitores. Não basta apenas reproduzir o discurso de que as crianças precisam desenvolver a habilidade de leitura; é essencial que o educador, por si mesmo, adote uma postura engajada na prática da leitura, reconhecendo a importância desse hábito.

Sobre esse tema, Riter (2009) apresenta considerações acerca de sua experiência como professor de Língua Portuguesa e Literatura, chegando à conclusão de que o professor/mediador deve assumir três papéis distintos para aprimorar sua atuação como promotor da formação de leitores.

Por fim, destaca que o professor deve ser mediador e orientador da leitura. Nesse ponto, Riter (2009) retorna à primeira faceta do professor como mediador, destacando que, antes de ser um formador, o professor deve ser um leitor ativo e conhecer o que está disponível no mercado literário. Isso permite ao professor discernir entre obras de maior legitimidade, orientando os alunos na escolha de leituras significativas.

Dessa maneira, o autor delineia aspectos essenciais para o mediador de leituras literárias, ressaltando a importância de possuir um perfil de leitor ativo para formar outros leitores. Ao descrever as três possibilidades de atuação do professor, torna-se evidente que o formador de leitores é não apenas um leitor comprometido, capaz de revelar a beleza do ato de ler, mas também um educador que sabe explorar diversos espaços dedicados à leitura, atribuindo novos significados a esses ambientes.

A recomendação de uma pessoa que vivenciou a profundidade de um determinado texto é um elemento crucial na formação de leitores. Ao compartilhar suas experiências, essa pessoa é capaz de destacar minuciosamente as sensações inexplicáveis vivenciadas durante a leitura desse texto (Petit, 2009).

Apropriar-se efetivamente de um texto pressupõe que a pessoa tenha tido contato com alguém [...] que já fez com que contos, romances, ensaios,

poemas, palavras agrupadas de maneira estética, inabitual, entrasse na sua própria experiência e que soube apresentar esses objetos sem esquecer isso. (PETIT, 2009, p.48).

A autora destaca que a hospitalidade e o acolhimento são características essenciais do mediador. Em uma pesquisa realizada por Petit com jovens de regiões periféricas de Paris, observou-se que mediações calorosas ajudaram crianças e adolescentes a escreverem suas histórias com uma nova perspectiva, facilitando a inclusão da leitura em suas vidas. Mesmo que esses jovens não tenham se tornado necessariamente grandes leitores, percebeu-se que os livros não os entediavam, não provocavam medo ou aversão. Os mediadores desempenharam um papel crucial ao incentivar esses jovens a incluir mais palavras em suas histórias, tornando-os mais participantes e ativos em seus próprios relatos (PETIT, 2009).

No próximo capítulo, discutiremos o papel dos contos de fadas e das fábulas no desenvolvimento cognitivo e emocional infantil.

### **3 O PAPEL DOS CONTOS DE FADAS E DAS FÁBULAS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E EMOCIONAL INFANTIL**

Desde os primórdios da tradição oral até as modernas versões impressas e adaptações cinematográficas, os contos de fadas têm sido veículos poderosos para explorar questões complexas e transmitir mensagens importantes. Essas narrativas, muitas vezes, apresentam personagens arquetípicos, situações desafiadoras e conflitos morais, proporcionando às crianças uma compreensão mais profunda das complexidades da vida.

Os contos de fadas não apenas emocionam, mas também divertem, criam suspense, mexem com os pensamentos e imaginação das crianças, pois eles apresentam o bem e o mal de forma clara, aguçando assim a criatividade imaginativa de cada criança e mesmo adulto.

“[...] os contos de fadas como são apresentados à infância, fazem a criança acostumar-se, ou pelo menos deve acostumá-la, a reagir na forma conformada 28 dos sonhos, quando desenvolve impulsos que estão em desacordo com a sociedade” (RICHTER; MERKEL apud ZILBERMAN, 1998, p. 46).

Do mesmo modo, as fábulas frequentemente incorporam elementos fantásticos e simbólicos que desafiam a imaginação das crianças. Esse estímulo à criatividade e à fantasia não apenas promove um pensamento mais aberto, mas também contribui para o desenvolvimento da linguagem, ampliando o vocabulário e a compreensão de conceitos abstratos.

Além disso, muitos contos de fadas e fábulas incorporam lições morais e éticas, fornecendo às crianças um guia para a compreensão do que é certo e errado. Esses valores transmitidos pelas histórias contribuem para a formação do caráter e auxiliam no desenvolvimento de uma base ética sólida.

Entretanto, é crucial que os docentes desempenhem um papel ativo na mediação do conteúdo apresentado, adequando-o à maturidade e compreensão das crianças. Discutir as histórias, perguntar sobre os sentimentos despertados e explorar os significados subjacentes são estratégias importantes para garantir que os contos de fadas sejam uma ferramenta educativa e não apenas uma fonte de entretenimento.

Em resumo, os contos de fadas e as fábulas desempenham um papel multifacetado no desenvolvimento cognitivo e emocional infantil, estimulando a

imaginação, promovendo habilidades cognitivas e fornecendo uma base ética. Ao incorporar essas narrativas na educação das crianças, pode-se enriquecer significativamente sua jornada de crescimento, preparando-as para os desafios complexos e variados que enfrentarão ao longo da vida.

### **3.1 O surgimento da literatura infantil no Brasil**

O surgimento da Literatura Infantil no Brasil remonta ao século XX, ganhando espaço em meio a livros didáticos e traduções. No entanto, um dos primeiros marcos desse gênero literário foi o livro "O Conto da Carochinha", escrito pelo jornalista Alberto Figueiredo Pimentel em 1894. Este trabalho pioneiro não apenas introduziu o conceito de Literatura Infantil no país, mas também trouxe adaptações de histórias provenientes do folclore mundial.

Com o notável sucesso de "O Conto da Carochinha", Alberto Figueiredo Pimentel continuou a contribuir para o desenvolvimento desse gênero ao publicar uma série de obras, incluindo "Histórias da Avozinha", "Histórias da Baratinha", "Álbum das Crianças", "Teatrinho Infantil" e "Os Meus Brinquedos". Essas obras desempenharam um papel crucial na consolidação da Literatura Infantil no cenário literário brasileiro, oferecendo histórias cativantes e educativas destinadas ao público infantil.

Segundo Mortatti (2001), no Brasil,

As origens da literatura infantil brasileira encontram-se sobretudo na literatura didática/escolar, que, entre o final do século XIX e o início do século XX, começou a ser produzida de maneira sistemática por professores brasileiros, com a finalidade de ensinar às nossas crianças de maneira agradável, valores morais e sociais assim como padrões de conduta relacionados com o engendramento de uma cultura escolar urbana devido e necessários do ponto de vista de um modelo republicano de instrução do povo. (MORTATTI, 2001, p. 178).

Assim, comprehende-se a magia e o encanto nos contos de fadas e em outros gêneros da literatura infantil, como as fábulas que transmitem ensinamentos e demonstram como a vida ainda pode ser vivida, apresentando situações humanas possíveis ou imagináveis.

Evidentemente, Lobato foi o precursor de uma nova literatura destinada às crianças no Brasil, uma literatura que passaria por inúmeras

transformações e ainda por várias transferências, principalmente europeias, por uma ditadura militar e por grandes mudanças na tecnologia e na sociedade, já que os sistemas literários estão vinculados a macrossistemas culturais. (GREGORIN FILHO, 2006, p. 190).

Em sua obra "Um Brasil para Crianças" (1988), Lajolo e Zilberman abordam a evolução da Literatura Infantil brasileira, delineando quatro períodos distintos, cada qual caracterizado por suas particularidades históricas. O primeiro período, de 1890 a 1920, marcou o surgimento do gênero, com a criação dos primeiros livros nacionais destinados a crianças e jovens. O segundo período, de 1920 a 1945, testemunhou a consolidação da Literatura Infantil brasileira.

[...] a literatura infantil brasileira revela sintonias com os vários projetos (oficiais e oficiosos) que, legislando e discutindo a respeito da leitura e escola, delegam à sala de aula e aos ombros do professor a responsabilidade maior pela implantação de bons hábitos de leitura ou pelo desenvolvimento do gosto de ler, como formulam recomendações pedagógicas desde o fim do século passado até nossos dias. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988, p. 11).

A evolução da literatura infantil no Brasil foi marcada por diversas transformações, sendo influenciada, principalmente, por correntes europeias, com destaque para a ênfase francesa, cujos efeitos começaram a dissipar-se a partir da década de 1930. Antes desse período, o cenário literário brasileiro contava com diversas coleções e adaptações de contos infantis oriundos do acervo europeu, incluindo versões abrasileiradas das obras de Perrault, Grimm e Andersen. Esse panorama perdurou até o surgimento do movimento de nacionalização da literatura no Brasil.

Conforme destacado por Lajolo e Zilberman (1988, p. 62), o surgimento da literatura infantil no Brasil não ocorreu de forma espontânea, mas foi influenciado por escritores dos séculos XIX e XX. As autoras ressaltam, contudo, que cada período histórico apresenta características próprias, adaptando a produção literária ao seu contexto. Nesse sentido, a literatura infantil não se limita a obras exclusivamente destinadas ao público infantil, mas pode estabelecer diálogos com diferentes tipos de textos. Além disso, a estreita relação entre literatura infantil e educação fez com que os pedagogos fossem os primeiros a se preocupar com a valorização e a disseminação dos livros voltados para crianças. Assim, como enfatizam Lajolo e Zilberman (1988, p. 250), o crescimento dessa produção literária no Brasil esteve diretamente atrelado à necessidade de oferecer às crianças

conteúdos que refletissem sua realidade, promovendo uma identificação mais significativa com os textos.

### **3.2 Gêneros textuais**

Há uma gama de diversos tipos de gêneros textuais disponíveis, incluindo romances, crônicas, fábulas, novelas, histórias em quadrinhos, telejornais, bilhetes, e-mails, entre outros. Este trabalho aborda especificamente os gêneros contos de fadas e fábula, dada sua relevância nas séries iniciais.

De acordo com Marcuschi (2002), os gêneros textuais são produtos históricos associados à vida cultural e à social, desempenhando um papel crucial na organização comunicativa do cotidiano. Esses gêneros são caracterizados pela dinamicidade e flexibilidade de seus textos, surgindo em resposta às necessidades sociais, resultando na diversidade de tipos existentes.

Os gêneros textuais, de acordo com a visão de Marcuschi (2002, p.22), “são todos os textos (orais e escritos) que circulam socialmente e tem por função efetivar o processo de comunicação e interação verbal entre os indivíduos.”

O autor destaca a fusão entre forma e conteúdo, ressaltando que, no passado, a ênfase era apenas na forma. Alguns autores e estudiosos tentaram eliminar os gêneros, pois focar apenas na forma limitaria a expressão poética dos textos. Assim, os gêneros são uma interação inseparável entre forma e conteúdo, sendo impossível dissociar um do outro.

No passado, os gêneros eram restritos e limitados pela cultura predominante. Ao longo do tempo e o surgimento da escrita, eles multiplicaram-se e evoluíram, adaptando-se às diferentes culturas em que foram inseridos.

O avanço da tecnologia desempenhou um papel crucial na evolução dos gêneros textuais, dando origem a formas mais características. Vale ressaltar que os gêneros novos não surgiram espontaneamente, mas representam evoluções dos já existentes, moldando-se de acordo com as demandas e possibilidades tecnológicas da sociedade.

A recente concepção sobre gênero destaca que os participantes cotidianos desempenham um papel fundamental na criação e na sustentação dos gêneros

discursivos. Nesse contexto, aqueles que utilizam tais gêneros assumem uma responsabilidade ativa na configuração dessas formas discursivas.

É importante ressaltar que:

[...] embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles estruturais ou linguísticos, e sim por aspectos sociocomunicativos e funcionais, isso não quer dizer que estejamos desprezando a forma. Pois é evidente, [...] que em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos serão as funções. (MARCUSCHI, 2002 p. 21).

Segundo Marcuschi (2002), ao atribuir um nome a um gênero textual, não estamos apenas compreendendo uma forma linguística, mas sim uma maneira específica de alcançar objetivos linguísticos em situações sociais particulares. A abordagem centrada em gêneros textuais constitui uma área interdisciplinar prolífica, focada na dinâmica da língua e em como essa dinâmica influencia as atividades culturais e sociais.

Marcuschi ressalta que os gêneros não devem ser concebidos como estruturas rígidas e imutáveis, mas sim como formas culturais e cognitivas de ação social, expressas de maneira específica na linguagem. Para o autor, a classificação dos gêneros deve ser orientada pela ação social que eles realizam, tornando-os atemporais, uma vez que refletem as mudanças sociais e a cultura em que estão inseridos.

Ao abordar os gêneros, estabelecem-se relações com as características que os definem, criando expectativas sobre o conteúdo abordado com base nas características distintivas de cada gênero. No contexto de gênero textual, examinaremos a seguir como os contos de fadas e fábulas são percebidos.

### **3.3 Gênero textual: conto de fadas**

Os contos clássicos infantis têm sua origem no século XII, na França. Inicialmente, Charles Perrault (1628-1703) não direcionou suas histórias especificamente para o público infantil, uma vez que suas narrativas envolviam cenas de adultério, canibalismo e outros elementos mais voltados ao imaginário adulto (PEREZ, 2024).

Somente no século XVII é que os contos de fadas passaram a considerar o universo infantil. Nessa época, eram frequentemente contados por amas,

governantas e cuidadoras de crianças. Essas narrativas desempenhavam um papel significativo na transmissão da cultura popular, contribuindo para a construção do imaginário infantil por meio da contação de histórias (PEREZ, 2024).

Ao longo dos séculos, os contos de fadas têm encantado gerações de leitores e ouvintes, transcendendo fronteiras culturais e temporais. Esse gênero literário, caracterizado por narrativas fantasiosas e mágicas, desempenha um papel significativo no universo da literatura infantil e também tem a capacidade de cativar leitores de todas as idades. Para compreender melhor o fascínio dos contos de fada, é crucial explorar sua definição e características distintivas.

Segundo Bettelheim (2002), os contos de fada são um tipo de narrativa popular que remonta a tradições orais que foram posteriormente consolidados por escritores renomados. Essas histórias apresentam uma estrutura simples, muitas vezes centrada em personagens arquetípicos que enfrentam desafios extraordinários em um cenário mágico. A definição clássica dos contos de fada inclui elementos como a presença de fadas, seres mágicos, criaturas encantadas e um ambiente onde a magia é uma força ativa.

#### **Características Marcantes:**

- **Moralidade e Lições de Vida:** Os contos de fada frequentemente incorporam lições morais, transmitindo valores e ensinamentos importantes. Essas histórias, através de personagens emblemáticos, exploram dilemas éticos e encorajam reflexões sobre o certo e o errado.
- **Personagens Arquetípicos:** Os heróis e heroínas dos contos de fada são frequentemente representados como arquétipos, personagens que personificam traços universais e enfrentam desafios simbólicos. Exemplos incluem o herói corajoso, a princesa em perigo e o vilão malévolos.
- **Elementos Mágicos:** A magia é uma constante nos contos de fada. Seja através de fadas benévolas, poções mágicas ou objetos encantados, os elementos sobrenaturais desempenham um papel fundamental na trama, adicionando um toque de maravilha e surpresa.
- **Jornadas e Desafios:** Os protagonistas dos contos de fada muitas vezes embarcam em jornadas heroicas, enfrentando desafios que

testam sua coragem, inteligência e moralidade. Essas jornadas são uma representação simbólica do crescimento pessoal e do amadurecimento.

- **Final Feliz:** Um dos aspectos distintivos dos contos de fada é o final feliz. Após superar dificuldades, os personagens principais geralmente alcançam a felicidade, promovendo uma sensação de esperança e otimismo. Bettelheim (1980) diz que:

É verdade que, a um nível inicial, os contos de fadas ensinam pouco sobre as condições específicas da vida da sociedade moderna de massas; estes contos foram criados muito antes desta sociedade aparecer. Mas podemos aprender mais coisas com estes contos – sobre os problemas interiores dos seres humanos e as soluções acertadas para as suas exigências, do que em qualquer outro tipo de história que esteja dentro do âmbito da compreensão das crianças. (BETTELHEIM, 1980, p. 1)

Em resumo, os contos de fadas são mais do que simples narrativas fantásticas; são veículos de expressão cultural, moralidade e imaginação. Ao explorar as definições e características desse gênero, revela-se a profundidade e a atemporalidade que continua a cativar leitores de todas as idades ao redor do mundo.

### **3.4 A arte encantadora das fábulas**

Segundo Souza (2004), as fábulas, pequenas narrativas que encapsulam grandes lições morais, têm raízes profundas na tradição oral de diversas culturas antigas. A palavra "fábula" deriva do latim "fabula", que significa "conto" ou "história". No entanto, a popularização desse gênero se atribui principalmente ao fabulista grego Esopo, que viveu no século VI a.C. Suas histórias simples e cativantes foram transmitidas ao longo dos séculos e, eventualmente, compiladas.

A fábula é um gênero literário que utiliza animais, objetos inanimados ou seres fantásticos antropomorfizados para transmitir uma moral ou ensinamento. Geralmente, os personagens enfrentam desafios e dilemas que refletem situações da vida humana, permitindo que o leitor extraia valiosas lições sem a complexidade das relações humanas diretas (SOUZA, 2004).

#### **Características:**

- **Personificação:** Uma característica distintiva das fábulas é a personificação, atribuindo características humanas a seres não humanos.

Isso cria um ambiente onde a moral da história é destacada, permitindo que o leitor se identifique mais facilmente com os personagens.

- **Simplicidade Narrativa:** As fábulas tendem a ser curtas e diretas, com uma narrativa concisa. Cada elemento serve ao propósito da moral, evitando subtramas desnecessárias, o que contribui para a clareza da mensagem.
- **Moralidade Explícita:** O cerne de uma fábula é sua moralidade evidente. Ao final da história, uma lição clara é apresentada, muitas vezes na forma de um provérbio ou ensinamento que resume a experiência dos personagens.
- **Universalidade:** As fábulas têm um apelo universal, pois exploram dilemas e virtudes humanas fundamentais. Independentemente da cultura ou época, as lições morais podem ser aplicadas a diversas situações.
- **Final Surpreendente:** Muitas fábulas apresentam finais surpreendentes, desafiando as expectativas do leitor. Esses desfechos inesperados contribuem para o impacto duradouro das histórias, mantendo o interesse do leitor até o último momento.

As fábulas, ao longo da história, têm desempenhado um papel crucial na transmissão de valores e ensinamentos éticos. Com sua simplicidade, personificação cativante e morais atemporais, as fábulas continuam a encantar leitores de todas as idades, lembrando-nos de que, por trás das histórias aparentemente simples, reside a sabedoria eterna da experiência humana.

### **3.5 A influência da psicanálise no desenvolvimento infantil por meio de contos e fábulas**

O desenvolvimento infantil é um período determinante na formação da personalidade e na construção das bases psicológicas de um ser humano. Nesse contexto, os contos e fábulas desempenham um papel significativo, proporcionando um terreno fértil para a exploração simbólica e emocional das experiências infantis. Ao analisar essa dinâmica à luz da psicanálise, pode-se compreender melhor como essas narrativas contribuem para o enriquecimento do mundo interno da criança.

Bettelheim (2015) afirma que a psicanálise é conhecida por tornar a vida mais fácil, mas seu fundador não pretendeu isso, criando a psicanálise com o

objetivo de capacitar o homem a entender a natureza e as dificuldades da vida sem ser derrotado por ela.

Freitas (2021) destaca que Freud, o pai da psicanálise, desenvolveu teorias fundamentais sobre o inconsciente e os estágios do desenvolvimento psicossexual. No que diz respeito às crianças, Freud argumentava que a psique infantil é moldada por experiências e conflitos que ocorrem ao longo desses estágios. Contos de fadas, muitas vezes, oferecem uma plataforma segura para a expressão e processamento dessas questões psicológicas.

A psicanálise também destaca a importância do complexo de Édipo na formação da identidade. Contos como "A Bela e a Fera" e "Romeu e Julieta" podem ser interpretados como representações simbólicas dessas dinâmicas familiares e性uais, permitindo que as crianças expressem e compreendam suas emoções de forma mais segura e metafórica.

Outro conceito psicanalítico relevante é o inconsciente coletivo proposto por Carl Jung. Ele argumentava que há elementos universais compartilhados na psique humana, como arquétipos. Os contos de fadas, ao explorarem arquétipos como o herói, a sombra e a anima/animus, oferecem uma linguagem simbólica que transcende culturas e age como uma ponte para a compreensão coletiva da experiência humana (JUNG, 2003).

Além disso, contos e fábulas também abordam aspectos do ego e do superego, representando conflitos morais e dilemas éticos. Ao confrontar personagens com escolhas difíceis, as narrativas oferecem às crianças a oportunidade de explorar suas próprias noções de certo e errado, desenvolvendo assim o senso moral.

Segundo Bettelheim (2015), à medida que a criança se desenvolve, ela precisa aprender a compreender melhor a si mesma, o que, consequentemente, permite uma maior compreensão do outro e favorece relações mais satisfatórias e significativas. Dessa forma, contos e fábulas se apresentam como ferramentas poderosas no desenvolvimento infantil, oferecendo um espaço seguro para a exploração de questões psicológicas complexas. Sob a ótica da psicanálise, é possível entender como essas narrativas desempenham um papel fundamental na construção do "eu" infantil, ajudando a criança a moldar sua percepção de si mesma e do mundo à sua volta.

Além disso, essas narrativas oferecem símbolos e metáforas que representam as emoções, os medos e os desejos das crianças, permitindo que elas lidem com situações que, de outra forma, poderiam ser difíceis de compreender ou expressar. Ao se identificar com personagens e enredos, a criança tem a oportunidade de confrontar seus próprios conflitos internos, muitas vezes sem perceber, de forma gradual e segura. Portanto, contos e fábulas não apenas entretêm, mas também auxiliam na construção do autoconhecimento, permitindo que a criança desenvolva um repertório emocional necessário para compreender e lidar com as complexidades da vida. Em um contexto educacional, essas histórias tornam-se, assim, um ponto de partida para discussões mais profundas sobre o desenvolvimento emocional e social dos pequenos, contribuindo para uma formação integral que vai além do cognitivo.

Após discutir o impacto das narrativas literárias no desenvolvimento infantil, é fundamental direcionar o olhar para a prática pedagógica, observando como os educadores podem integrar os contos de fadas e fábulas no cotidiano escolar. Nesse contexto, o próximo capítulo apresenta uma análise detalhada das percepções dos professores, explorando como esses recursos são utilizados nas salas de aula. Para isso, será realizada uma análise dos formulários aplicados a educadores da rede estadual do Tocantins, discutindo suas respostas à luz de teorias educacionais relevantes. Além disso, serão abordados os desafios e as oportunidades encontradas pelos professores na implementação efetiva dessas narrativas, refletindo sobre como a prática pedagógica pode se beneficiar da integração dessas histórias no processo de ensino-aprendizagem.

## 4 VISÕES DOS PROFESSORES

A integração dos contos de fadas e fábulas na prática pedagógica representa uma oportunidade rica e complexa para o desenvolvimento das crianças, proporcionando tanto o enriquecimento cultural quanto o amadurecimento emocional e cognitivo. De acordo com Bettelheim (2015), as fábulas e os contos de fadas desempenham um papel fundamental na formação do pensamento crítico e da percepção da criança sobre o mundo, ao mesmo tempo que abordam questões emocionais complexas. A partir dessa perspectiva psicanalítica, podemos entender como essas narrativas oferecem um espaço seguro para que as crianças explorem seus medos, desejos e conflitos internos, o que é crucial para o processo de construção da identidade e do autoconhecimento (RITER, 2009; FREITAS, 2021).

Além disso, a literatura infantil, como enfatizado por autores como Lajolo e Zilberman (1988) e Cavalcanti (2009), não se limita à fruição estética, mas também deve ser entendida como um instrumento pedagógico fundamental na formação de cidadãos críticos e reflexivos. Integrar contos de fadas e fábulas na educação infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental contribui para o letramento literário, ao mesmo tempo que oferece um terreno fértil para o desenvolvimento de habilidades emocionais e sociais, como destaca Soares (2011) e Cosson (2011). Essa prática envolve mais do que a simples leitura de histórias, sendo um processo ativo de mediação e reflexão que se dá através do diálogo com os alunos, estimulando a sua capacidade de interpretação e análise crítica.

A inclusão desses elementos literários na sala de aula também está diretamente ligada à formação do professor como mediador, capaz de guiar o processo de interpretação e reflexão dos alunos, utilizando as histórias para questionar estereótipos, explorar valores morais e sociais e incentivar o desenvolvimento da empatia. Neste contexto, como propõem autores como Tassi (2002) e Postic (1993), a figura do educador deve ser entendida como essencial para proporcionar a mediação entre o conteúdo literário e a experiência de vida do aluno. O educador não é apenas um transmissor de conhecimentos, mas um facilitador da construção de significados, utilizando o poder das histórias para estimular o pensamento criativo e crítico.

A prática pedagógica, então, precisa ir além da simples transmissão de conhecimento. Como reforça a pesquisa de Alves Filho (2011), ao integrar contos de fadas e fábulas, o professor tem a oportunidade de criar um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e envolvente, que não só favorece o desenvolvimento intelectual, mas também apoia a formação de leitores críticos e conscientes de sua capacidade de transformar o mundo ao seu redor. O desafio, portanto, é como incorporar de maneira eficaz e significativa essas narrativas no currículo, enfrentando as limitações estruturais e didáticas da escola, mas também aproveitando as inúmeras possibilidades que elas oferecem para uma educação mais completa e transformadora.

A pesquisa proposta, que investiga a integração dos contos de fadas e fábulas na prática pedagógica, se insere no contexto do estado do Tocantins, uma região com características específicas que influenciam diretamente a dinâmica educacional. O estado, localizado no centro-norte do Brasil, é conhecido por sua diversidade cultural e geográfica, que resulta em desafios educacionais distintos dos encontrados em outras regiões do país. Com uma população distribuída em áreas urbanas e rurais, o Tocantins enfrenta questões relacionadas ao acesso e à qualidade do ensino, especialmente em regiões mais afastadas e menos favorecidas economicamente. A educação no estado está em constante processo de adaptação, buscando alinhar-se às políticas públicas nacionais enquanto enfrenta desafios locais específicos.

No cenário educacional tocantinense, a escola pública é a principal responsável pela formação dos alunos, com um número expressivo de escolas, tanto no ensino fundamental quanto na educação infantil, nas áreas urbanas e rurais. De acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o Tocantins conta com mais de 700 escolas estaduais e municipais, atendendo a uma ampla gama de estudantes. A distribuição das escolas é desigual, com algumas regiões apresentando uma infraestrutura precária, o que reflete diretamente nas condições de ensino e aprendizagem.

Os professores que atuam nessas escolas têm um papel central na construção do processo educativo, sendo as suas formações e práticas pedagógicas elementos essenciais para a qualidade da educação. De um total de aproximadamente 10.000 docentes no estado, a maioria possui formação superior, sendo que a maioria dos professores do Ensino Fundamental I e da educação infantil possuem diplomas de

licenciaturas em áreas como Pedagogia, Letras e Ciências. Contudo, um número considerável de docentes ainda enfrenta desafios em relação à capacitação contínua, uma vez que a formação inicial nem sempre é suficiente para lidar com as demandas específicas da sala de aula, como a diversificação de métodos e o desenvolvimento de práticas pedagógicas que favoreçam a criatividade e o pensamento crítico. O estado tem investido na formação continuada dos professores, oferecendo cursos e capacitações, mas a distribuição desigual de recursos e a necessidade de atualização constante representam desafios significativos.

A pesquisa realizada se debruça sobre a realidade dessas escolas e desses professores, buscando compreender como os contos de fadas e fábulas estão sendo utilizados nas práticas pedagógicas, especialmente no que diz respeito à formação de leitores e ao desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais dos alunos. A análise inclui uma escola municipal na zona urbana, com destaque para as particularidades do ambiente rural, onde o acesso a materiais didáticos e a infraestrutura pedagógica ainda é limitado. Ao considerar a formação acadêmica dos professores, a pesquisa também investiga como esses profissionais percebem o papel da literatura na formação dos alunos e se sentem preparados para implementar metodologias que integrem os contos de fadas e fábulas de maneira eficaz.

A proposta de integrar tais narrativas na sala de aula se justifica pela relevância que a literatura infantil, especificamente os contos de fadas e fábulas, têm para a formação integral do aluno, estimulando não só o aprendizado de conteúdos curriculares, mas também o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como empatia, resolução de conflitos e capacidade de reflexão crítica. A análise das respostas dos formulários aplicados aos professores e a revisão teórica do tema contribuem para um entendimento mais amplo da percepção docente sobre o uso desses recursos na educação, além de indicar possíveis caminhos para aprimorar a prática pedagógica, levando em consideração as especificidades do contexto educacional tocantinense.

Com base nesse diagnóstico, o estudo propõe sugestões para fortalecer a formação dos professores e implementar práticas pedagógicas mais eficazes, que integrem a literatura infantil ao currículo de maneira a beneficiar o desenvolvimento completo dos alunos. Em um estado que ainda luta contra disparidades educacionais,

essa pesquisa se torna uma ferramenta importante para compreender o cenário atual e identificar oportunidades de aprimoramento e transformação na educação básica.

#### **4.1 Apresentação do campo de pesquisa**

##### *4.1.1 Escola lócus da pesquisa*

A Escola Municipal 1º de Junho está localizada na área urbana do município de Sampaio/TO, à Rua Manoel Matos, Quadra 37 Lote 02. Atende uma clientela de, 129 alunos de creche e 153 de Pré-escola, e 407 alunos do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), perfazendo um total de 689 alunos.

Em 17 de fevereiro de 1993 foi aprovada na Câmara Municipal e sancionada pelo prefeito Paulo Pereira da Costa (*in memoriam*) a Lei Municipal nº 041/93, que “dispõe sobre a criação, denominação e localização da Escola Municipal 1º de Junho”.

A inauguração da escola aconteceu em 1º de junho de 1993, iniciando o seu funcionamento com a pré-escola, 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental. Inicialmente, a escola foi dirigida por uma secretária, a professora Rosalete Pereira da Costa Lopes. Atualmente a escola dispõem de 116 servidores com perfis profissionais diferenciados.

O estabelecimento educacional foi escolhido como campo de pesquisa por sua relevância local, pela diversidade de seu corpo discente e pela disposição de seus educadores em colaborar com as iniciativas pedagógicas focadas na literatura infantil.

**Figura 1 – Vista externa da escola**



Fonte: arquivo pessoal da Autora, 2024

A escola está situada em uma região central da cidade, o que facilita o acesso para boa parte dos alunos, especialmente aqueles que residem na área urbana. No entanto, também atende a alunos oriundos de localidades rurais que enfrentam maiores dificuldades de deslocamento, o que acaba sendo uma das barreiras significativas para a educação na região. A instituição é caracterizada por um ambiente simples, mas acolhedor, com infraestrutura que ainda apresenta deficiências em alguns setores, como no acesso a recursos tecnológicos e materiais pedagógicos atualizados, mas com um esforço contínuo por parte da gestão escolar para suprir tais lacunas. As salas de aula são amplas, mas carecem de recursos como computadores, acesso à internet de qualidade e bibliotecas que contemplam o acervo literário adequado para o desenvolvimento pleno das atividades propostas.

O corpo docente é composto por cerca de 15 professores efetivos, sendo que a maioria desses docentes possui formação superior em Pedagogia ou áreas afins. Alguns educadores também têm especializações em áreas de ciências e letras, o que contribui para a diversidade e riqueza nas abordagens metodológicas adotadas pela escola. A maioria dos professores é comprometida com a ideia de inovar nas suas práticas pedagógicas, e a literatura infantil, principalmente os contos de fadas e

fábulas, é considerada uma ferramenta importante para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos.

A proposta pedagógica embasado no PPP da escola foca na formação integral dos alunos, visando o desenvolvimento não apenas cognitivo, mas também social e emocional. A proposta do ensino, portanto, se baseia em uma visão holística da educação, que busca envolver o aluno não apenas na aprendizagem de conteúdos acadêmicos, mas também no estímulo à criatividade, ao pensamento crítico e à reflexão sobre a sua vivência cotidiana. A escola promove atividades extracurriculares que envolvem práticas culturais, como apresentações teatrais, gincanas e projetos de leitura, muitas vezes baseados nas histórias clássicas infantis. No entanto, ainda existem desafios quanto à implementação consistente de metodologias que integrem plenamente a literatura infantil e os contos de fadas no currículo, devido a uma formação inicial dos educadores que carece de um maior aprofundamento nesse campo específico.

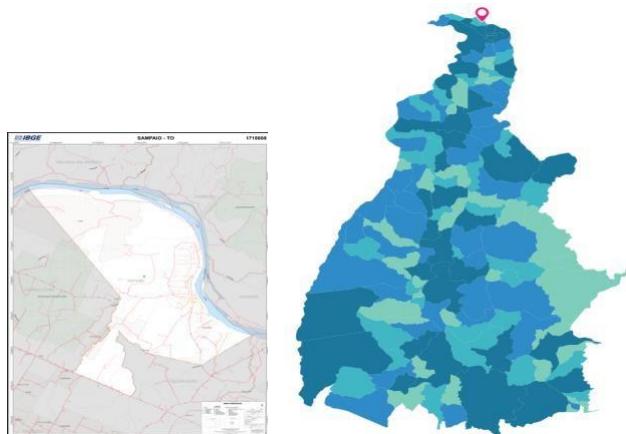
Em termos de gestão, a escola tem demonstrado um esforço contínuo em melhorar seus processos pedagógicos e administrativos, buscando sempre alinhar-se às diretrizes estabelecidas pelas políticas públicas educacionais do estado e do município. Apesar das limitações estruturais, a escola tem conseguido implementar algumas ações que visam ampliar o acesso e a qualidade do ensino, como parcerias com projetos educacionais e a realização de workshops e palestras voltados para a capacitação dos professores. A pesquisa realizada na escola buscou justamente avaliar como a literatura infantil, particularmente os contos de fadas e fábulas, pode ser mais integrada ao cotidiano dos alunos, especialmente dentro da prática pedagógica dos professores.

#### *4.1.2 O município de Sampaio, Tocantins*

Sampaio é um município localizado no estado do Tocantins, situado na Região Norte do Brasil. A cidade, com uma população estimada em pouco mais de 5.000 habitantes, apresenta características típicas do interior tocantinense, com uma economia voltada para a agropecuária e para a produção de alimentos. Sampaio é uma cidade que, apesar de sua pequena dimensão, possui uma grande importância

para a região, sendo um ponto de convergência para diversas atividades comerciais e culturais da região.

**Figura 2 – Município de Sampaio, Tocantins**



Fonte: IBGE, 2024

O município está situado em uma área de transição entre o cerrado e a floresta amazônica, o que confere à cidade uma paisagem natural diversificada, com grande riqueza de fauna e flora. A economia local é predominantemente voltada para a agricultura, com destaque para o cultivo de grãos como soja, milho e arroz, além da produção de carne bovina. A cidade também se destaca por seu forte vínculo com a cultura local, promovendo diversas festas populares e eventos que envolvem danças típicas, culinária regional e manifestações culturais que preservam as tradições do interior do estado.

Sampaio é uma cidade de dimensões modestas, mas que tem se esforçado para proporcionar aos seus habitantes um serviço público de qualidade, especialmente nas áreas de saúde e educação. A educação, em particular, tem sido uma das grandes preocupações da gestão municipal, que tem investido no desenvolvimento de escolas e na melhoria da infraestrutura educacional. A cidade conta com duas escolas municipais, além de uma escola estadual, que atendem a crianças e adolescentes da cidade e das zonas rurais adjacentes.

A cidade de Sampaio enfrenta muitos desafios no que se refere à educação, principalmente no que diz respeito à formação e capacitação continuada dos professores. O acesso a tecnologias e materiais didáticos ainda é limitado, o que reflete diretamente na qualidade do ensino oferecido nas escolas. A maior parte da

população de Sampaio reside em zonas rurais, o que implica em dificuldades de transporte para os alunos, especialmente em períodos de chuva, quando as estradas ficam intransitáveis. Isso resulta em uma evasão escolar mais alta em algumas regiões, o que impacta diretamente no processo de aprendizagem dos estudantes.

Apesar dessas dificuldades, a população tem se esforçado para promover a inclusão educacional, com iniciativas voltadas para a melhoria da qualidade de ensino e para a promoção de atividades culturais e pedagógicas que estimulem o aprendizado. Nesse contexto, a integração de contos de fadas e fábulas na prática pedagógica se apresenta como uma alternativa valiosa para a educação local, pois essas histórias podem ser utilizadas para atrair a atenção dos alunos e incentivar o desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e sociais.

A comunidade escolar de Sampaio tem se mostrado receptiva a propostas pedagógicas inovadoras, como o uso da literatura infantil para o desenvolvimento do pensamento crítico e da imaginação dos alunos. Isso é evidente na forma como as escolas municipais têm adotado práticas pedagógicas diversificadas, que buscam atender às especificidades da realidade local, ao mesmo tempo em que procuram seguir as orientações curriculares nacionais. A pesquisa realizada sobre a integração dos contos de fadas e fábulas na prática pedagógica teve um impacto importante na cidade, pois trouxe à tona discussões sobre como a literatura pode ser uma ferramenta de transformação na educação, além de enriquecer a formação dos alunos e, por conseguinte, da própria comunidade escolar.

#### **4.2 Apresentação dos resultados**

Ao todo, foram feitas 7 (sete) perguntas com múltipla escolha.

#### **QUESTIONÁRIO**

1. De que forma você incentiva a participação ativa dos estudantes durante as atividades de leitura em sala de aula?

2. Como você adapta suas práticas de mediação da leitura para atender às necessidades individuais dos estudantes?

3. Como você integra a mediação da leitura em outras disciplinas além de língua portuguesa?

4. Em suas aulas, como ocorrem geralmente as interações em torno do texto literário?

5. De que maneira você promove a leitura e um ambiente escolar que vai além das aulas regulares?

6. Como a tecnologia pode ser incorporada de forma eficaz para apoiar a mediação de leitura na sala de aula?

7. Quais métodos específicos você utiliza para avaliar o progresso dos estudantes na compreensão e interpretação de textos ao longo do tempo?

**Gráfico 1 – De que forma você incentiva a participação ativa dos estudantes durante as atividades de leitura em sala de aula?**



Fonte: Professores da Escola Municipal 1º de Junho, 2024.

Na leitura da Figura 3 do gráfico – De que forma você incentiva a participação ativa dos estudantes durante as atividades de leitura em sala de aula? – observa-se a distribuição das respostas dadas pelos professores em relação às práticas utilizadas para engajar os estudantes nas atividades de leitura.

O gráfico revela que existe uma diversidade nas estratégias de mediação adotadas pelos docentes, com uma distribuição equilibrada entre as opções, embora

algumas abordagens se destaquem em termos de preferência. As três primeiras opções apresentaram uma adesão similar, com cada uma recebendo 20% das respostas, sendo elas: "realização de discussões em grupo sobre a leitura", "utilização do método de leitura compartilhada" e "promoção de debates sobre o material lido".

Esses dados indicam que os professores frequentemente adotam métodos que estimulam a troca de ideias, possibilitando a construção coletiva de sentido a partir da leitura. O uso de debates e discussões em grupo permite que os alunos se engajem de maneira mais colaborativa, trazendo à tona suas interpretações individuais e ampliando a compreensão do texto por meio do compartilhamento de pontos de vista.

Por outro lado, a estratégia que obteve maior adesão foi o "encorajamento de perguntas e reflexões durante a leitura", mencionada por dois professores, correspondendo a 40% das respostas. Esse dado sugere que os docentes priorizam métodos que incentivam a participação ativa dos alunos enquanto ainda estão imersos na leitura. A técnica de questionar e incentivar a reflexão durante a leitura permite que os estudantes processem o texto de maneira mais crítica e introspectiva, desenvolvendo um entendimento mais profundo do conteúdo, além de promover uma maior autonomia no processo de aprendizagem.

A análise desses dados evidencia que, apesar da variedade de abordagens pedagógicas adotadas, há uma tendência predominante em estimular a reflexão crítica e a participação ativa através de estratégias interativas e de questionamento. A preferência por práticas que incentivam a construção de pensamento crítico, por meio de perguntas e reflexões, demonstra o esforço dos professores em promover uma leitura mais consciente e engajada, que ultrapassa a simples decodificação de palavras, passando a envolver um processo cognitivo mais elaborado de compreensão e interpretação.

Além disso, a utilização de métodos como discussões em grupo e leitura compartilhada reforça a importância de criar um ambiente de aprendizagem colaborativo, onde o diálogo entre os alunos e com o professor se torna uma ferramenta essencial para a construção do conhecimento. As abordagens que combinam a interação social com o desenvolvimento individual de habilidades críticas são, portanto, uma prioridade entre os professores, indicando que a participação ativa dos estudantes vai além do simples engajamento com o conteúdo literário, incluindo também a interação com os outros e o próprio desenvolvimento pessoal.

Esses dados revelam que os professores estão cientes da importância de estimular tanto o pensamento individual quanto o coletivo, promovendo um ambiente de aprendizagem dinâmico e reflexivo. O incentivo ao questionamento e à reflexão é uma maneira eficaz de desenvolver a habilidade crítica dos estudantes, enquanto a interação social fortalece a compreensão coletiva. Essa combinação de estratégias parece ser uma tendência forte entre os docentes, refletindo uma busca pela pluralidade de abordagens pedagógicas que atendam às diversas necessidades dos estudantes.

Em termos de implicações para a prática pedagógica, os resultados sugerem que os educadores devem continuar a explorar e diversificar suas estratégias de mediação da leitura, adaptando-as de acordo com as características e interesses dos alunos. Além disso, essa pesquisa pode servir de ponto de partida para futuras investigações sobre como práticas de mediação da leitura podem ser aprimoradas para garantir uma participação mais significativa e uma maior compreensão dos textos lidos, fortalecendo as competências cognitivas e críticas dos estudantes.

A análise dos resultados obtidos na Figura 3, que reflete as estratégias utilizadas pelos professores para incentivar a participação ativa dos estudantes durante as atividades de leitura em sala de aula, pode ser enriquecida ao ser confrontada com a literatura especializada sobre o tema. A pesquisa revelou que os métodos mais adotados incluem a realização de discussões em grupo, o uso de leitura compartilhada, a promoção de debates sobre o material lido e o encorajamento de perguntas e reflexões durante a leitura. Esses dados indicam um panorama de diversidade nas práticas pedagógicas, mas também evidenciam uma tendência de incentivo à interação e ao pensamento crítico.

Em relação às discussões em grupo, leitura compartilhada e debates sobre a leitura, observamos uma prática pedagógica alinhada às propostas de Kleiman (2012), que defende que a leitura não deve ser vista apenas como um ato de decodificação de palavras, mas como um processo social em que o diálogo entre os leitores, mediado pelo professor, é essencial para a construção do sentido do texto. Marcuschi (2005), ao tratar da dinâmica dos gêneros textuais, ressalta a importância da mediação do professor na formação do leitor, destacando o papel do educador na organização do espaço para que a leitura se transforme em uma experiência coletiva e interativa. Assim, as práticas observadas na pesquisa, como as discussões em

grupo e os debates, estão em consonância com a teoria de que a leitura deve ser compartilhada e compreendida a partir das trocas de interpretações entre os participantes, ampliando a compreensão do texto e enriquecendo a experiência do leitor.

A predominância de "encorajamento de perguntas e reflexões durante a leitura" como a principal estratégia, mencionada por 40% dos participantes, aponta para um foco no desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos. Essa abordagem está fortemente alinhada com as ideias de Cavalcanti (2009), que vê a literatura infantil como uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento intelectual e crítico do aluno, onde o professor não é apenas um transmissor de conhecimento, mas um mediador ativo que estimula a reflexão dos alunos sobre o conteúdo lido. A pesquisa evidencia que, ao incentivar os alunos a questionarem o texto e a refletirem sobre ele durante a leitura, os professores estão promovendo um espaço de aprendizagem onde o pensamento crítico é o principal objetivo, permitindo que os estudantes se tornem leitores ativos e reflexivos, e não apenas receptores passivos de informações.

Além disso, essa estratégia também se conecta com as proposições de Cosson (2011), que aborda o letramento literário como um processo contínuo e dinâmico, onde o leitor não é um simples decodificador de palavras, mas um sujeito que constrói o sentido do texto em interação com o que já sabe, suas experiências de vida e as discussões que surgem a partir de suas interpretações. O questionamento durante a leitura, portanto, não só facilita a compreensão do conteúdo, mas também promove a construção do conhecimento de maneira ativa e consciente, que é um dos pilares do letramento literário proposto por Zilberman (1998) e Libâneo (1994), os quais destacam que a leitura crítica e reflexiva é essencial para o desenvolvimento das competências interpretativas dos alunos.

A utilização de práticas como discussões em grupo e debates sobre o texto também reflete as ideias de Bettelheim (1980), especialmente no que se refere à função da literatura infantil como um meio para a formação de leitores críticos e reflexivos. Bettelheim argumenta que a literatura, especialmente os contos de fadas, oferece ao leitor a oportunidade de refletir sobre seus próprios conflitos internos e de experimentar simbolicamente diferentes formas de resolução desses conflitos. Nesse sentido, o incentivo à reflexão ativa dos alunos durante a leitura não apenas promove a compreensão do conteúdo, mas também contribui para o desenvolvimento

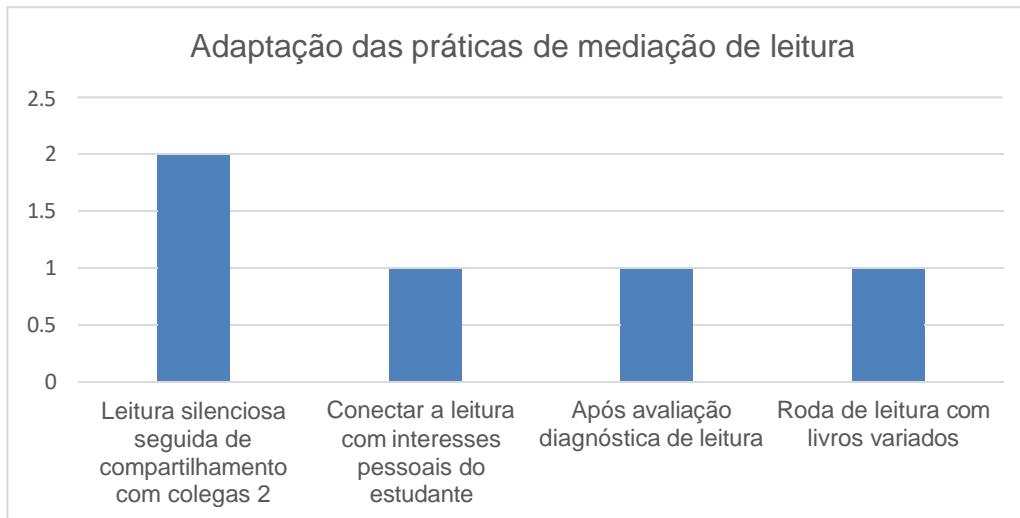
emocional e psicológico dos estudantes, que são desafiados a lidar com as questões propostas pelo texto de forma mais profunda e pessoal.

No campo das metodologias ativas, que envolvem o aluno de forma dinâmica e participativa, a pesquisa encontra respaldo nas obras de Luchesi e Santos (2022), que discutem como as metodologias ativas são eficazes na formação de leitores críticos e autônomos. A leitura compartilhada, prática observada no gráfico, é um exemplo claro de metodologia ativa, pois não se limita à leitura silenciosa do texto, mas envolve os alunos em uma atividade colaborativa onde o diálogo e a troca de ideias são essenciais para a construção do entendimento do conteúdo. O mesmo se aplica à realização de debates, que transformam a leitura em um espaço vivo de troca de interpretações, ideias e reflexões.

Ainda, as estratégias observadas na pesquisa alinham-se com as considerações de Postic (1993) sobre o papel do professor na mediação pedagógica. Para ele, o professor deve ser o mediador do conhecimento, mas também deve permitir que o aluno assuma o protagonismo de seu processo de aprendizagem. Ao estimular o questionamento, a reflexão e a troca de ideias durante a leitura, o professor permite que o aluno se torne o sujeito ativo na construção do seu próprio conhecimento, dando-lhe a liberdade de interpretar o texto de acordo com sua própria visão de mundo. Este processo de mediação, em que o aluno participa ativamente da construção do conhecimento, é fundamental para a formação de um leitor crítico e independente.

Portanto, os resultados da pesquisa não apenas corroboram as práticas pedagógicas sugeridas pela literatura, mas também reforçam a importância de criar um ambiente de aprendizagem onde a participação ativa dos alunos seja incentivada por meio de estratégias como a discussão, o questionamento e a reflexão. Essas práticas pedagógicas, que favorecem a interação, o pensamento crítico e a construção colaborativa do conhecimento, são fundamentais para o desenvolvimento de leitores literários, conforme proposto por autores como Kleiman (2012), Cosson (2011) e Bettelheim (1980). A pesquisa revela, assim, que os professores estão, de fato, adotando abordagens pedagógicas que valorizam a participação ativa dos alunos, incentivando-os a refletir sobre o conteúdo lido e a construir, por meio da interação e do diálogo, uma compreensão mais profunda e crítica dos textos.

**Gráfico 2 –Como você adapta suas práticas de mediação da leitura para atender às necessidades individuais dos estudantes?**



Fonte: Professores da Escola Municipal 1º de Junho, 2024.

A leitura da Figura 4, que trata das abordagens utilizadas pelos professores para adaptar suas práticas de mediação da leitura às necessidades individuais dos estudantes, revela uma diversidade de estratégias que visam promover uma aprendizagem personalizada e eficaz. A partir das respostas obtidas, é possível identificar as diferentes formas como os educadores buscam atender às particularidades de seus alunos, utilizando métodos que favorecem tanto a compreensão do texto quanto o desenvolvimento do gosto pela leitura e da reflexão crítica.

A primeira opção, “Leitura silenciosa seguida de compartilhamento com colegas”, foi mencionada por dois professores e representa uma prática que prioriza a autonomia dos alunos no processo de leitura, ao mesmo tempo que oferece oportunidades para a interação social e a troca de ideias. Esse método está amplamente relacionado à ideia de Kleiman (2012) sobre a importância da leitura individual como um processo de internalização do texto, que permite aos alunos formarem suas próprias interpretações antes de partilhar com os outros. A leitura silenciosa possibilita uma reflexão pessoal sobre o conteúdo lido, enquanto o momento de compartilhamento com os colegas enriquece a experiência ao proporcionar diferentes pontos de vista e estimular a discussão sobre as interpretações do texto. Essa prática também pode ser vista como uma forma de

mediação pedagógica, pois o professor, ao organizar o compartilhamento, proporciona uma oportunidade para que os alunos aprimorem suas habilidades interpretativas por meio do diálogo e da troca de conhecimentos, como destacado por Cosson (2011), que enfatiza a função da mediação na formação do leitor crítico e participativo.

A segunda estratégia mencionada, “Conectar a leitura com interesses pessoais do estudante”, foi escolhida por um professor e destaca a importância de tornar a leitura mais significativa para os alunos, vinculando o conteúdo a seus próprios interesses e vivências. Essa adaptação da leitura é fundamental para engajar os estudantes, pois ao relacionar o texto com suas experiências e preferências pessoais, o professor consegue tornar a atividade mais relevante e motivadora. A personalização do ensino é uma prática defendida por Libâneo (1994), que afirma que a adequação do conteúdo às características e interesses dos alunos é um dos caminhos para promover a aprendizagem significativa. Nesse contexto, a leitura deixa de ser uma atividade mecânica e se torna uma experiência envolvente, pois os alunos passam a se ver representados no conteúdo que leem, o que pode contribuir para o fortalecimento do vínculo com a literatura e para o desenvolvimento de suas competências críticas e reflexivas.

A opção “Após avaliação diagnóstica de leitura” também foi escolhida por um dos professores e está relacionada a uma abordagem pedagógica mais personalizada. A avaliação diagnóstica permite ao educador identificar as dificuldades e os pontos fortes de cada aluno, possibilitando uma intervenção direcionada que atenda às necessidades específicas de cada um. De acordo com Luchesi e Santos (2022), as avaliações diagnósticas são essenciais para o planejamento pedagógico, pois permitem que o professor comprehenda as habilidades de leitura dos alunos e elabore estratégias que sejam mais eficazes para superá-las. Esse tipo de prática está alinhado com a ideia de Zilberman (1998) sobre a leitura como um processo contínuo de interação entre o aluno e o texto, onde o professor, ao identificar as dificuldades, pode intervir de maneira pontual e direcionada, promovendo um aprendizado mais assertivo.

Por fim, a opção “Roda de leitura com livros variados”, mencionada por um dos professores, reflete uma prática que busca promover a diversidade de gêneros e temas literários. A roda de leitura permite aos alunos explorar diferentes tipos de

textos, ampliando suas experiências literárias e incentivando a curiosidade intelectual. Além disso, essa prática promove o debate coletivo, favorecendo a construção de sentidos de forma colaborativa. Cavalcanti (2009), ao discutir a importância da literatura infantil, defende que a diversidade de gêneros literários é fundamental para o desenvolvimento do gosto pela leitura, pois permite que os alunos se envolvam com textos que atendam a diferentes interesses e estilos. A roda de leitura, portanto, contribui para a formação de leitores mais críticos e compreensivos, que são capazes de analisar e refletir sobre textos variados, adquirindo habilidades de leitura crítica e ampliando seu repertório literário.

Em síntese, as práticas de mediação da leitura descritas pelos professores revelam uma abordagem flexível e diversificada, que busca atender às necessidades individuais dos alunos de maneira personalizada. Essas práticas não apenas visam desenvolver a compreensão e a interpretação dos textos, mas também buscam promover a autonomia dos alunos no processo de leitura, estimulando sua reflexão crítica e seu envolvimento com o conteúdo. A combinação de diferentes estratégias, como a leitura silenciosa seguida de compartilhamento, a personalização da leitura, a avaliação diagnóstica e a roda de leitura, demonstra a importância de adaptar as abordagens pedagógicas de acordo com as características e necessidades dos estudantes, permitindo que cada um se desenvolva de maneira plena e significativa. O compromisso dos professores em adotar métodos diversos e dinâmicos, alinhados com as teorias da mediação pedagógica e do letramento literário, reflete uma prática pedagógica comprometida com o desenvolvimento integral dos alunos, como preconizado por Kleiman (2012), Cosson (2011) e Libâneo (1994), entre outros.

A análise dos resultados obtidos na Figura 2, que investiga as práticas de mediação da leitura adotadas pelos professores para atender às necessidades individuais dos estudantes, revela a diversidade de abordagens utilizadas, cada uma fundamentada em princípios pedagógicos distintos. A primeira estratégia identificada, a leitura silenciosa seguida de compartilhamento com colegas, reflete uma concepção que prioriza a autonomia do aluno no processo de leitura e a troca de experiências como forma de construção coletiva do conhecimento. De acordo com Kleiman (2012), a leitura individual permite que o estudante estabeleça uma relação pessoal com o texto, internalizando suas reflexões antes de compartilhá-las em um ambiente de interação social. Cosson (2011) reforça essa perspectiva ao destacar que a leitura em

grupo amplia a compreensão ao permitir diferentes interpretações e estimular a criticidade dos alunos, transformando a leitura em um processo dialógico e colaborativo. Essa abordagem também pode ser associada à concepção de letramento literário, na qual a literatura não é apenas consumida de forma passiva, mas discutida e ressignificada por meio da interação social.

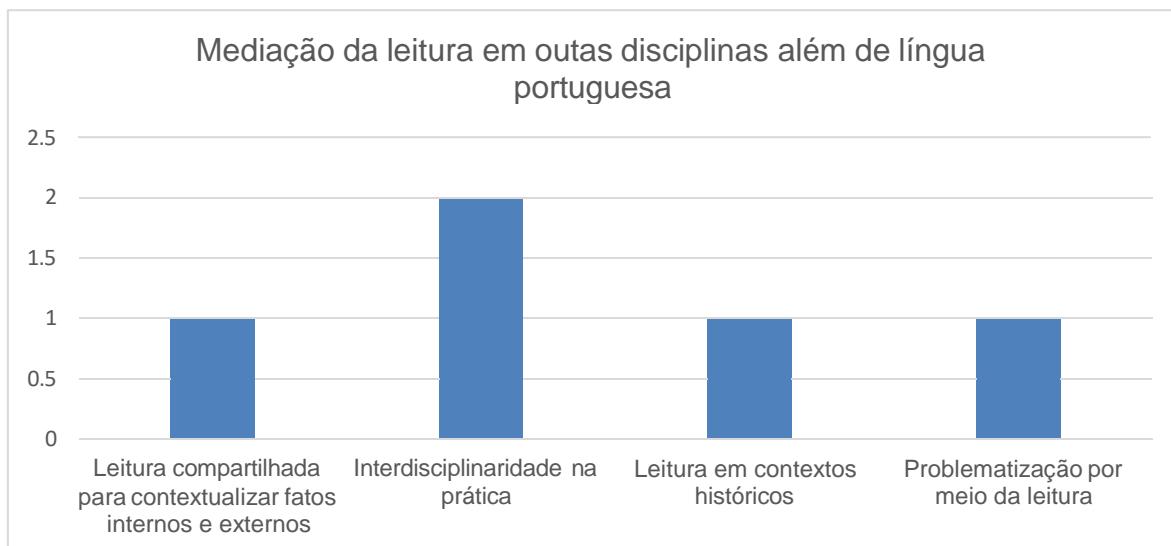
A segunda estratégia apontada, conectar a leitura com os interesses pessoais dos estudantes, evidencia uma preocupação dos professores em tornar a prática mais significativa para os alunos, aproximando o conteúdo literário de suas vivências e experiências. Cavalcanti (2009) destaca que a identificação do leitor com o texto é um dos principais fatores que contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, pois ao se reconhecerem nas histórias, os estudantes se envolvem emocionalmente com o processo e tendem a se engajar de forma mais ativa. Essa estratégia também encontra respaldo nas contribuições de Kleiman (2012), que enfatiza a importância de considerar o repertório cultural do aluno na escolha dos materiais de leitura, tornando o aprendizado mais contextualizado e significativo. A mediação da leitura baseada nos interesses dos alunos também está alinhada com as propostas das metodologias ativas de aprendizagem, conforme discutido por Luchesi e Santos (2022), que defendem a necessidade de engajar o estudante de maneira ativa e participativa, garantindo maior motivação e envolvimento no processo de leitura.

A opção pela adaptação da mediação da leitura com base na avaliação diagnóstica reforça a importância de uma abordagem personalizada e orientada às dificuldades específicas dos estudantes. Esse método implica na realização de um diagnóstico prévio das habilidades leitoras dos alunos para que as intervenções pedagógicas sejam mais eficazes e direcionadas. Zilberman (1998) destaca que a leitura deve ser trabalhada a partir das necessidades reais dos alunos, o que exige um mapeamento prévio de suas dificuldades e potencialidades. Cosson (2011) também corrobora essa perspectiva ao afirmar que a leitura não deve ser vista como uma prática homogênea, mas como um processo que exige adaptações conforme o nível de letramento de cada estudante. A avaliação diagnóstica permite ao professor identificar pontos de fragilidade na compreensão leitora e propor atividades específicas para supri-las, promovendo assim uma mediação mais eficiente e um acompanhamento mais próximo do desenvolvimento de cada aluno.

A estratégia da roda de leitura com livros variados, por sua vez, aponta para uma abordagem que valoriza a diversidade literária e a interação entre os leitores. Esse método busca ampliar o repertório dos alunos, incentivando o contato com diferentes gêneros e estilos textuais, o que, segundo Cavalcanti (2009), é essencial para a formação de leitores críticos e reflexivos. Além disso, a roda de leitura proporciona um espaço de debate e troca de impressões sobre os textos, favorecendo a argumentação e a construção coletiva do sentido. Cosson (2011) enfatiza que práticas como essa são fundamentais para consolidar hábitos de leitura, pois estimulam a experiência literária de forma prazerosa e interativa. Além disso, a roda de leitura pode ser relacionada às ideias de Bettelheim (2015) sobre a psicanálise dos contos de fadas, pois ao explorar narrativas diversas, os alunos têm a oportunidade de entrar em contato com histórias que abordam questões universais e simbólicas, promovendo reflexões profundas sobre a condição humana.

Diante desses aspectos, a análise dos resultados revela que as práticas adotadas pelos professores estão fundamentadas em abordagens reconhecidas na literatura acadêmica, demonstrando um compromisso com a mediação da leitura de forma reflexiva e contextualizada. As diferentes estratégias identificadas – leitura silenciosa seguida de compartilhamento, conexão com os interesses dos alunos, avaliação diagnóstica e rodas de leitura – evidenciam uma preocupação em tornar a leitura um processo significativo, dinâmico e adaptado às necessidades individuais dos estudantes. Esse conjunto de práticas está alinhado às contribuições de autores como Kleiman (2012), Cosson (2011), Cavalcanti (2009) e Zilberman (1998), que defendem a importância da mediação como um processo ativo, que vai além do simples acesso ao texto, promovendo um letramento literário crítico e transformador. Dessa forma, os dados analisados indicam que os professores não apenas se preocupam em ensinar a leitura, mas também em desenvolver estratégias que possibilitem a formação de leitores autônomos, críticos e engajados, consolidando práticas que contribuem para o desenvolvimento integral dos estudantes no universo da leitura e da literatura.

**Gráfico 3 – Como você integra a mediação da leitura em outras disciplinas além de língua portuguesa?**



Fonte: Professores da Escola Municipal 1º de Junho, 2024.

A análise dos dados apresentados na Figura 5 do gráfico, que investiga como os professores integram a mediação da leitura em disciplinas além da Língua Portuguesa, evidencia diferentes estratégias adotadas para tornar a leitura uma ferramenta pedagógica interdisciplinar. Os resultados obtidos refletem a diversidade de abordagens utilizadas pelos docentes e indicam que a leitura desempenha um papel fundamental na articulação de diferentes áreas do conhecimento, contribuindo para a formação integral dos estudantes. A literatura especializada aponta que o uso da leitura no ensino de diversas disciplinas pode potencializar o aprendizado, promovendo maior engajamento e aprofundamento dos conteúdos (KLEIMAN, 2012; COSSON, 2011).

A primeira estratégia identificada no gráfico, "Leitura compartilhada para contextualizar fatos internos e externos", foi mencionada por um professor, indicando que essa abordagem é utilizada como um meio de expandir a compreensão dos alunos sobre temas diversos. A leitura compartilhada, enquanto estratégia pedagógica, permite que os estudantes tenham contato com múltiplas perspectivas sobre um determinado assunto, enriquecendo suas interpretações e promovendo discussões que transcendem o contexto escolar. Segundo Cosson (2011), a leitura compartilhada estimula a troca de ideias e a construção coletiva do conhecimento,

favorecendo a articulação entre diferentes áreas do saber. Além disso, essa prática contribui para a formação do pensamento crítico ao incentivar os alunos a relacionarem as informações do texto com suas experiências pessoais e o contexto social em que estão inseridos.

A segunda opção, "Interdisciplinaridade na prática", foi mencionada por dois professores, demonstrando que há uma preocupação significativa com a integração dos conteúdos por meio da leitura. A interdisciplinaridade é um princípio essencial para um ensino significativo, pois possibilita que os alunos compreendam os fenômenos de forma mais ampla e conectada, rompendo com a fragmentação do conhecimento. Conforme Libâneo (1994), a articulação entre disciplinas permite que os conteúdos sejam trabalhados de maneira contextualizada, favorecendo a aplicação dos saberes em situações reais. No caso da leitura, sua utilização em diferentes disciplinas pode servir como um eixo condutor para o aprendizado, estimulando conexões entre temas de História, Ciências, Matemática e outras áreas do currículo escolar. A perspectiva interdisciplinar, defendida por autores como Zilberman (2003) e Kleiman (2012), também contribui para o desenvolvimento da autonomia dos estudantes, uma vez que eles são incentivados a estabelecer relações entre diferentes campos do conhecimento e a construir interpretações mais aprofundadas dos textos trabalhados.

A terceira abordagem identificada, "Leitura em contextos históricos", foi citada por um professor, evidenciando que a leitura é utilizada como uma ferramenta para explorar e compreender eventos do passado. A relação entre leitura e História é amplamente discutida por estudiosos da área, como Lajolo (2018), que destaca a importância dos textos históricos na construção da memória e da identidade cultural dos estudantes. O uso da leitura nesse contexto possibilita uma imersão mais profunda nos acontecimentos históricos, permitindo que os alunos não apenas absorvam informações, mas também desenvolvam uma visão crítica sobre os fatos narrados. Além disso, a leitura de documentos, relatos e textos literários relacionados à História favorece a compreensão das múltiplas versões dos eventos históricos, ajudando os estudantes a perceberem as complexidades das narrativas e das interpretações sobre o passado.

Por fim, a estratégia da "Problematização por meio da leitura", mencionada por um professor, sugere que a leitura é utilizada como um instrumento para provocar

questionamentos e estimular a reflexão dos estudantes. A problematização é um princípio central da educação crítica, conforme defendido por Freire (1987), que argumenta que o aprendizado deve partir da realidade dos alunos e de suas inquietações. Ao utilizar a leitura como meio para suscitar debates e levantar questões, o professor possibilita que os estudantes desenvolvam habilidades analíticas e argumentativas, fortalecendo sua capacidade de interpretar textos de maneira crítica. Esse tipo de abordagem está alinhado às propostas metodológicas de Cossen (2011) e Kleiman (2012), que enfatizam a importância de um ensino de leitura que vá além da decodificação de palavras e se aprofunde na análise e na interpretação de significados implícitos nos textos.

Os dados apresentados na Figura 3 indicam que os professores reconhecem o potencial da leitura como um recurso didático capaz de promover a interdisciplinaridade, a contextualização e a reflexão crítica. Embora o número de respostas seja limitado a cinco professores, o que impede generalizações mais amplas, as estratégias mencionadas estão em consonância com as concepções teóricas da literatura acadêmica sobre o ensino da leitura e sua aplicação em diferentes disciplinas. As abordagens destacadas – leitura compartilhada, interdisciplinaridade, contextualização histórica e problematização – reforçam a importância de um ensino dinâmico e reflexivo, no qual a leitura não se restringe à disciplina de Língua Portuguesa, mas se torna um eixo estruturador do aprendizado em diversas áreas do conhecimento. Nesse sentido, os professores desempenham um papel fundamental na mediação da leitura, garantindo que essa prática contribua para o desenvolvimento do pensamento crítico e para a construção de saberes mais significativos por parte dos estudantes.

A análise dos resultados apresentados na Figura 3 do gráfico revela importantes aspectos sobre a mediação da leitura em disciplinas além da Língua Portuguesa, destacando diferentes abordagens adotadas pelos professores para integrar a leitura ao ensino interdisciplinar. Esses resultados podem ser compreendidos à luz da literatura especializada, que discute a importância da leitura como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento do pensamento crítico, a construção de conhecimento e a ampliação das experiências culturais dos alunos. A opção "Leitura compartilhada para contextualizar fatos internos e externos" aponta para o uso da leitura como instrumento de compreensão da realidade, permitindo que

os alunos estabeleçam conexões entre o conhecimento escolar e as experiências do cotidiano. Segundo Abramovich (2006), a leitura compartilhada proporciona momentos de interação e troca de ideias, estimulando o senso crítico e a construção coletiva do conhecimento. Além disso, Bettelheim (2002) argumenta que a leitura em grupo amplia a capacidade interpretativa dos estudantes, promovendo a construção de significados a partir do diálogo e da reflexão. Kleiman (2012) reforça essa perspectiva ao destacar que a leitura mediada pelo professor favorece o aprendizado significativo, pois permite que os alunos relacionem conceitos abstratos com situações concretas do dia a dia.

A presença da leitura como elemento integrador no ensino interdisciplinar também foi evidenciada na opção "Interdisciplinaridade na prática", assinalada por dois professores, o que sugere que a leitura é utilizada como meio de conectar diferentes áreas do conhecimento. Essa prática está em consonância com a abordagem defendida por Libâneo (1994), que considera a interdisciplinaridade fundamental para a construção de um conhecimento mais globalizado e significativo. Cosson (2011) também enfatiza que o letramento literário, quando trabalhado de forma interdisciplinar, contribui para a autonomia intelectual dos estudantes, permitindo que eles desenvolvam uma compreensão mais ampla e contextualizada dos conteúdos. Zilberman (2003) acrescenta que a leitura integrada a diferentes disciplinas favorece a argumentação e a análise crítica, uma vez que os alunos aprendem a articular conceitos e informações de maneira mais estruturada. Baldi (2009) aponta que a literatura infantil pode ser um recurso eficaz nesse processo, pois apresenta textos que abordam temas históricos, científicos e filosóficos, promovendo um diálogo enriquecedor entre as diversas áreas do conhecimento. Da mesma forma, Moretti e Santos (2022) discutem a relevância das metodologias ativas no ensino interdisciplinar, destacando que o uso da leitura como ferramenta didática pode tornar o aprendizado mais dinâmico e interativo.

A leitura em contextos históricos, mencionada por um dos participantes, demonstra a utilização dos textos como instrumentos para a compreensão do passado e sua relação com o presente. Essa abordagem encontra respaldo nos estudos de Lajolo (2018), que argumenta que a leitura de textos históricos possibilita aos alunos uma melhor compreensão dos processos sociais, políticos e econômicos que moldaram a sociedade. Bettelheim (2015) também discute a importância dos contos

e narrativas históricas na formação moral e psicológica das crianças, ressaltando que essas histórias ajudam na construção da identidade cultural e no desenvolvimento do senso de justiça. Gregorin Filho (2006) analisa a literatura infantil brasileira sob essa perspectiva, destacando seu papel na transmissão de valores e na construção da memória coletiva. Carvalho (1987) complementa essa visão ao afirmar que a leitura de textos históricos contribui para a formação de uma consciência crítica nos alunos, permitindo que eles questionem as versões oficiais dos acontecimentos e busquem diferentes perspectivas sobre os fatos.

Outro aspecto relevante identificado na pesquisa é o uso da leitura como instrumento de problematização, evidenciado pela opção "Problematização por meio da leitura". Esse resultado sugere que alguns professores adotam uma abordagem crítica da leitura, incentivando os alunos a questionarem os conteúdos e a desenvolverem habilidades analíticas. Essa prática está alinhada com a abordagem dialógica defendida por Freire (1987), que considera a leitura um ato de problematização da realidade. Para Freire, a leitura deve ser um processo ativo de interpretação e construção de significados, no qual os estudantes são incentivados a refletir sobre os textos e sua relação com o mundo. Petit (2009) reforça essa ideia ao destacar que a leitura crítica é essencial para a formação de leitores autônomos e engajados, capazes de compreender e interpretar diferentes tipos de textos de forma reflexiva. Marcuschi (2005) argumenta que a leitura de gêneros textuais variados, como notícias, cartas de leitor e artigos de opinião, contribui para o desenvolvimento da argumentação e da cidadania, tornando os alunos mais conscientes de seu papel na sociedade.

A análise dos resultados revela que, apesar da diversidade de abordagens utilizadas pelos professores, a leitura é amplamente reconhecida como um recurso pedagógico fundamental para a construção do conhecimento interdisciplinar. A literatura consultada corrobora a importância da mediação da leitura no ensino fundamental, demonstrando que sua aplicação pode favorecer o desenvolvimento do pensamento crítico, a contextualização dos conteúdos e a ampliação das habilidades argumentativas dos alunos. No entanto, é importante destacar que a amostra reduzida da pesquisa limita a possibilidade de generalização dos resultados. Estudos como os de Menon e Corte (2013) indicam que a implementação de práticas de mediação da leitura ainda enfrenta desafios, como a falta de formação específica dos professores

e a carência de materiais adequados. Nesse sentido, a capacitação docente e a adoção de estratégias pedagógicas mais estruturadas podem contribuir para a consolidação da leitura como eixo central no processo de ensino-aprendizagem.

A pesquisa de Oliveira e Araujo (2023) destaca a importância do professor como mediador no processo criativo e crítico da leitura, ressaltando que a mediação efetiva amplia as possibilidades de aprendizagem e estimula o engajamento dos alunos. Para garantir que a leitura seja integrada de maneira eficiente em todas as disciplinas, é fundamental que os professores tenham acesso a formação continuada e a recursos didáticos adequados. A adoção de metodologias ativas, o incentivo à leitura de diferentes gêneros textuais e a articulação entre teoria e prática são estratégias essenciais para potencializar o uso da leitura como ferramenta de ensino. Assim, a mediação da leitura não apenas contribui para a aprendizagem dos conteúdos escolares, mas também desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos críticos, reflexivos e socialmente engajados.

#### **Gráfico 4 – Em suas aulas, como ocorrem geralmente as interações em torno do texto literário?**



Fonte: Professores da Escola Municipal 1º de Junho, 2024.

A análise detalhada da Figura 6 do gráfico, que investiga como ocorrem as interações em torno do texto literário nas aulas, revela diferentes práticas adotadas pelos docentes. Esses resultados fornecem um panorama significativo sobre as

abordagens pedagógicas utilizadas no ensino da literatura, destacando tanto a permanência de métodos tradicionais quanto a adoção de estratégias mais interativas e dialógicas. A literatura especializada sobre ensino de literatura e mediação da leitura reforça a importância dessas abordagens, evidenciando como cada prática pode impactar o desenvolvimento das habilidades interpretativas e críticas dos estudantes.

A primeira opção registrada no gráfico, na qual o professor solicita que os estudantes leiam os textos do livro, resolvam as questões e depois comenta e corrige, obteve apenas uma resposta. Esse modelo reflete uma abordagem tradicional e transmissiva da leitura literária, na qual o professor assume um papel central e os alunos desempenham funções essencialmente receptivas. Segundo Zilberman (2003), essa prática é característica de um modelo escolar que encara a literatura como um conteúdo a ser avaliado por meio de respostas pré-determinadas, restringindo a autonomia interpretativa dos alunos. Embora essa abordagem possa ser eficiente para garantir a compreensão literal dos textos e sistematizar informações sobre a estrutura textual, ela apresenta limitações quando o objetivo é estimular o pensamento crítico e a construção ativa de sentidos pelos estudantes. Conforme Kleiman (2012), práticas de leitura que enfatizam apenas a resposta correta tendem a reduzir a experiência literária a um exercício mecânico, distanciando os alunos do prazer da leitura e da construção de significados mais subjetivos.

A segunda opção, na qual o professor lê e explica os textos literários enquanto os estudantes prestam atenção, foi assinalada por dois docentes, sendo a alternativa mais escolhida. Esse modelo, embora ainda centrado no professor, sugere uma tentativa de mediação do texto, pois envolve a leitura oral e a explicação direta pelo docente. Segundo Abramovich (2006), a leitura mediada pode ser uma ferramenta poderosa quando utilizada para engajar os alunos na narrativa, principalmente quando a oralidade é explorada de maneira expressiva. No entanto, quando essa prática se restringe apenas à exposição do conteúdo sem participação ativa dos alunos, pode reforçar um ensino passivo, no qual a literatura é apresentada como um objeto de estudo estático, desvinculado da experiência pessoal dos leitores. Libâneo (1994) argumenta que a aprendizagem significativa ocorre quando o estudante tem a oportunidade de interagir com o conteúdo e refletir sobre ele de forma autônoma, algo que essa abordagem pode dificultar quando não há estímulo ao diálogo e à interpretação coletiva.

A terceira opção, em que o professor discute o texto literário com a turma, ouvindo e debatendo as opiniões dos estudantes, obteve apenas uma resposta. Esse modelo representa uma abordagem mais interativa e dialógica, alinhada com as concepções de leitura como prática social defendidas por Cosson (2011). A discussão aberta sobre textos literários permite que os alunos compartilhem suas impressões, articulem suas interpretações e desenvolvam um olhar mais crítico sobre a obra. Bettelheim (2002) destaca que a experiência literária se torna mais significativa quando o leitor se envolve emocionalmente com a narrativa e busca compreender seus múltiplos sentidos. Além disso, o debate estimula habilidades de argumentação e análise textual, aspectos essenciais para a formação de leitores proficientes. Essa prática também se alinha à proposta de Freire (1987) de uma educação dialógica, na qual o aprendizado ocorre por meio da troca de saberes e da construção coletiva do conhecimento. Entretanto, a baixa adesão a essa estratégia entre os professores entrevistados sugere que ainda há desafios na implementação de abordagens mais participativas no ensino da literatura.

A quarta opção, na qual os estudantes debatem o texto entre si e depois discutem em grupo sob a orientação do professor, também obteve apenas uma resposta. Esse método enfatiza a aprendizagem colaborativa e ativa, permitindo que os alunos assumam um papel mais protagonista no processo de interpretação literária.

Segundo Petit (2009), práticas que incentivam a autonomia dos leitores promovem maior engajamento e prazer na leitura, pois permitem que os estudantes construam significados a partir de suas próprias experiências e referências. A mediação do professor nesse contexto é fundamental para direcionar as discussões e aprofundar as reflexões, garantindo que o debate não se limite a impressões superficiais. Essa estratégia também se alinha às metodologias ativas de aprendizagem descritas por

Moretti e Santos (2022), que enfatizam a importância da interação entre os alunos como meio de construção do conhecimento. No entanto, a baixa adesão a esse

modelo sugere que a cultura escolar ainda valoriza práticas mais tradicionais e centralizadas no professor, o que pode indicar a necessidade de formação continuada para que os docentes se sintam mais confortáveis em adotar metodologias interativas.

De maneira geral, a distribuição das respostas no gráfico indica que as práticas pedagógicas voltadas para a leitura literária variam entre modelos mais tradicionais e abordagens mais interativas, embora ainda prevaleça uma postura centrada no

professor. O fato de as opções mais dialógicas e participativas terem recebido menos adesão sugere que ainda há resistência ou dificuldades na implementação de práticas que valorizem o protagonismo do aluno na leitura e interpretação de textos literários. Isso pode estar relacionado a fatores como a falta de formação específica dos professores para trabalhar a literatura de forma mais dinâmica, a rigidez curricular e a ênfase em avaliações baseadas em respostas objetivas.

A literatura especializada reforça a importância de práticas que incentivem a leitura como experiência estética e formativa, indo além da simples decodificação do texto. Lajolo (2018) destaca que o ensino da literatura deve promover o encantamento e a reflexão, estimulando os alunos a desenvolverem um olhar crítico e sensível sobre os textos. Da mesma forma, Cosson (2011) argumenta que o letramento literário não deve ser reduzido a uma prática mecânica, mas sim concebido como um processo que envolve a interpretação, a contextualização e a interação com a obra. Dessa forma, a análise dos dados sugere que há espaço para ampliação e fortalecimento de práticas mais dialógicas no ensino da literatura, garantindo que os alunos não apenas compreendam os textos, mas também sejam incentivados a questioná-los, interpretá-los e relacioná-los às suas próprias vivências.

A necessidade de reflexão sobre as práticas pedagógicas adotadas pelos professores torna-se evidente a partir desses resultados. Equilibrar estratégias mais tradicionais com abordagens interativas pode ser uma alternativa eficaz para promover um ensino de literatura mais dinâmico e envolvente. A formação docente contínua, o acesso a materiais pedagógicos inovadores e a flexibilização curricular podem contribuir para que os professores se sintam mais preparados para explorar metodologias que favoreçam a participação ativa dos alunos. Dessa forma, é possível transformar a sala de aula em um espaço de diálogo, descoberta e aprofundamento da experiência literária, contribuindo para a formação de leitores críticos e engajados.

A análise dos resultados apresentados na Figura 4 do gráfico, que investiga as interações em torno do texto literário nas aulas, revela uma predominância de abordagens tradicionais, com menor adesão a práticas mais interativas e dialógicas. Essa realidade pode ser compreendida à luz da literatura acadêmica sobre ensino da literatura, mediação da leitura e formação de leitores críticos, conforme discutido por diversos autores. Os dados indicam que a prática mais comum entre os docentes é aquela em que o professor lê e explica os textos literários enquanto os estudantes

prestam atenção. Essa abordagem, embora útil para garantir a compreensão do conteúdo, pode resultar em um ensino passivo, no qual os alunos não desenvolvem autonomia na leitura e interpretação. De acordo com Zilberman (2003), esse modelo de ensino é reflexo de um paradigma escolar que encara a literatura como um conteúdo a ser memorizado e avaliado, em detrimento da experiência estética e crítica do leitor. Abramovich (2006) também aponta que a leitura mediada pelo professor pode ser positiva, desde que estimule a interação dos alunos com o texto, o que nem sempre ocorre quando a explicação substitui a construção interpretativa do estudante. O modelo tradicional de ensino da literatura, em que o professor solicita que os estudantes leiam os textos do livro, resolvam questões e, posteriormente, comenta e corrige, também se alinha a essa lógica escolarizante. Segundo Lajolo (2018), essa prática reduz a literatura a um objeto de estudo fragmentado, dissociado de sua função estética e reflexiva. Para Cossen (2011), o ensino da literatura deveria priorizar o letramento literário, promovendo um contato mais significativo com os textos, no qual os leitores são incentivados a interpretar, questionar e estabelecer relações com suas experiências pessoais.

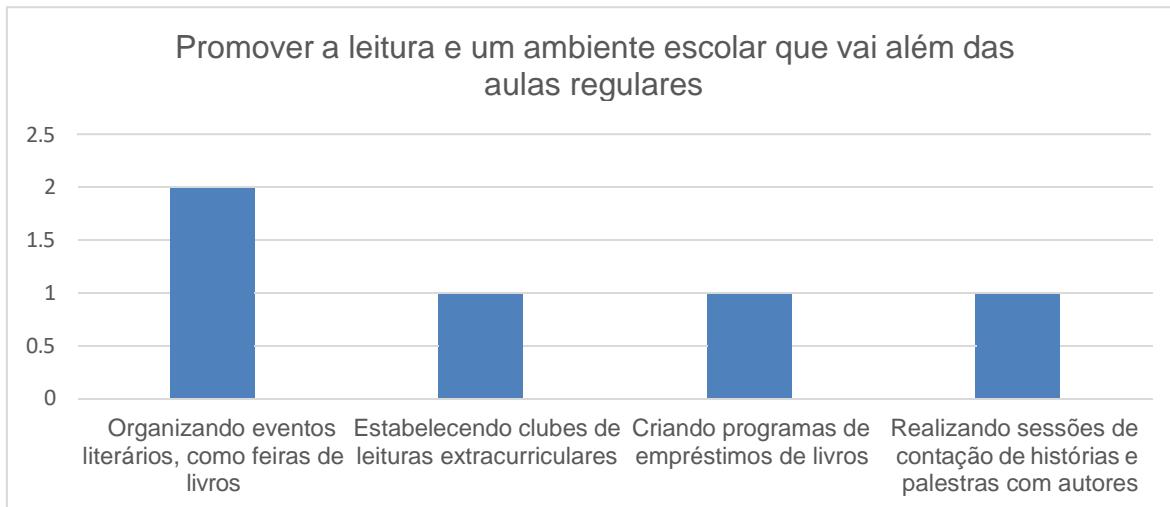
A literatura especializada aponta que práticas mais interativas, como a discussão do texto literário em grupo ou a realização de debates entre os alunos, são mais eficazes para a formação de leitores críticos e reflexivos. Bettelheim (2002, 2015), em suas análises sobre contos de fadas, destaca que a interpretação de textos literários é um processo subjetivo, no qual os leitores atribuem significados com base em suas vivências. Quando os estudantes têm a oportunidade de debater e compartilhar suas impressões sobre os textos, a leitura se torna uma experiência mais rica e pessoal. No entanto, os dados do gráfico mostram que a prática de discutir o texto com a turma, ouvindo as opiniões dos estudantes, teve pouca adesão entre os docentes, o que sugere uma resistência à adoção de metodologias mais dialógicas. Essa resistência pode estar associada à falta de formação específica para o trabalho com leitura literária, conforme apontam Baldi (2009) e Liberato (2011). De acordo com esses autores, muitos professores não se sentem preparados para mediar debates literários e, por isso, optam por abordagens mais expositivas, que oferecem maior controle sobre o processo de ensino. A metodologia em que os estudantes debatem o texto entre si antes da discussão em grupo também foi pouco utilizada pelos professores entrevistados. Esse modelo, que enfatiza a aprendizagem colaborativa, é

amplamente defendido por Moretti e Santos (2022), que apontam as metodologias ativas como ferramentas fundamentais para o desenvolvimento da autonomia e da argumentação crítica dos alunos. Petit (2009) também reforça a importância de permitir que os estudantes construam significados de forma independente, pois isso fortalece o vínculo deles com a leitura e aumenta o prazer em ler.

Para que a literatura seja efetivamente explorada como uma ferramenta de formação crítica e estética, a mediação docente precisa ir além da explicação do conteúdo. Cademartori (2010) argumenta que a leitura literária deve ser mediada de maneira a estimular a participação ativa dos estudantes, permitindo que eles se apropriem do texto de forma significativa. Essa mediação não significa apenas corrigir respostas ou esclarecer dúvidas, mas sim criar um ambiente no qual os alunos se sintam motivados a explorar e interpretar o texto a partir de suas próprias perspectivas. No contexto da literatura infantil e juvenil, Carvalho (1987) e Cavalcanti (2009) destacam que a mediação é fundamental para despertar o interesse e o envolvimento dos leitores, especialmente nos anos iniciais da escolarização. A escolarização excessiva da literatura, conforme discutido por Cláudio (2015), pode transformar a leitura em uma obrigação, afastando os alunos do prazer da descoberta e da imaginação.

Os resultados apresentados na Figura 4 do gráfico indicam que, apesar da existência de práticas interativas no ensino da literatura, ainda há uma forte tendência ao modelo tradicional, no qual o professor centraliza a leitura e a interpretação dos textos. A literatura acadêmica aponta que essa abordagem pode limitar o desenvolvimento de habilidades críticas e interpretativas dos alunos, reforçando a necessidade de estratégias que incentivem a participação ativa e a construção coletiva do sentido. A adoção de metodologias mais dialógicas e colaborativas, como as defendidas por Cossen (2011) e Moretti e Santos (2022), poderia contribuir para um ensino de literatura mais significativo e envolvente. Para isso, é essencial investir na formação docente, garantindo que os professores se sintam preparados para atuar como mediadores da leitura, promovendo a interação e o debate em sala de aula. Assim, será possível transformar o ensino da literatura em uma experiência enriquecedora, que não apenas desenvolva competências interpretativas, mas também estimule o prazer da leitura e a formação de leitores críticos e autônomos.

**Gráfico 5 – De que maneira você promove a leitura e um ambiente escolar que vai além das aulas regulares?**



Fonte: Professores da Escola Municipal 1º de Junho, 2024.

A análise dos resultados apresentados na Figura 7 do gráfico, que investiga as estratégias adotadas pelos professores para promover a leitura e um ambiente escolar que transcendia as aulas regulares, revela a adoção de diferentes abordagens voltadas à formação de leitores e ao fortalecimento do vínculo dos alunos com a literatura. A leitura dos dados permite identificar tanto a diversidade de práticas implementadas quanto os desafios que ainda se impõem na construção de uma cultura leitora mais consolidada dentro do ambiente escolar.

A opção mais citada foi "Organizando eventos literários, como feiras de livros", mencionada por dois professores. Esse dado evidencia que a realização de eventos que envolvem a comunidade escolar é percebida como uma estratégia eficaz para a promoção da leitura. Segundo Abramovich (2006), a criação de espaços de interação entre leitores, autores e educadores contribui para uma maior valorização do livro e do ato de ler.

As feiras literárias, por exemplo, representam momentos privilegiados para estimular o interesse dos alunos pela literatura, permitindo que tenham contato com uma variedade de obras e autores, além de proporcionar trocas significativas com outros leitores. Esses eventos também favorecem a construção de um ambiente escolar mais dinâmico, onde a leitura não é vista apenas como uma exigência curricular, mas como uma experiência prazerosa e enriquecedora. Lajolo (2018) argumenta que ações como essas são fundamentais para romper com a visão

fragmentada e escolarizada da literatura, possibilitando que os alunos desenvolvam uma relação mais autêntica com os livros. Além disso, a realização de eventos literários contribui para a democratização do acesso à leitura, especialmente em contextos nos quais os estudantes possuem pouco contato com livrarias e bibliotecas fora do ambiente escolar.

A segunda estratégia mencionada foi "Estabelecendo clubes de leitura extracurriculares", com um professor destacando essa prática. O funcionamento de clubes de leitura dentro da escola representa uma iniciativa poderosa para a construção do hábito leitor, pois cria um espaço de compartilhamento de experiências, no qual os alunos são incentivados a ler e a debater suas impressões sobre os textos. Segundo Cosson (2011), o letramento literário se fortalece quando os leitores têm a oportunidade de dialogar sobre as obras, trocando interpretações e ampliando suas perspectivas sobre a literatura. Bettelheim (2015) também enfatiza que a leitura é um processo que se constrói coletivamente, e que a troca de significados entre os leitores contribui para a apropriação pessoal do texto.

Os clubes de leitura, nesse sentido, possibilitam um engajamento maior dos alunos, uma vez que a escolha dos livros pode ser feita de forma participativa, considerando os interesses e preferências dos participantes. Além disso, a leitura em grupo favorece o desenvolvimento da argumentação e da reflexão crítica, pois estimula os estudantes a justificarem suas opiniões e a se posicionarem diante dos textos. Esse tipo de iniciativa, como apontado por Moretti e Santos (2022), também pode atuar como um espaço de acolhimento e pertencimento, reforçando o vínculo dos alunos com a escola e promovendo um ambiente de aprendizagem mais motivador.

A terceira estratégia mencionada foi "Criando programas de empréstimos de livros", com um professor relatando essa ação. O acesso aos livros é um fator determinante para a formação de leitores, e a implementação de programas de empréstimo dentro da escola se configura como uma medida essencial para ampliar as oportunidades de leitura dos alunos. De acordo com Cademartori (2010), um dos principais desafios da educação literária é garantir que as crianças e os jovens tenham contato contínuo com livros de qualidade, pois a frequência da leitura está diretamente relacionada ao desenvolvimento do gosto pela literatura. Iniciativas como bibliotecas itinerantes, caixas de leitura em salas de aula e programas de troca de livros são

estratégias eficazes para incentivar os alunos a lerem além das atividades obrigatórias da escola. Para Petit (2009), um ambiente leitor se constrói quando há facilitação no acesso aos textos, bem como quando os alunos percebem que a leitura faz parte da cultura da escola. Além disso, é fundamental que esses programas sejam acompanhados por ações de mediação, como recomenda Kleiman (2012), para que os estudantes possam se sentir orientados na escolha de livros que dialoguem com seus interesses e níveis de leitura.

A última estratégia citada foi "Realizando sessões de contação de histórias e palestras com autores", também mencionada por um professor. Essa prática reforça a importância da oralidade e da aproximação entre leitores e escritores no processo de formação leitora. Segundo Bettelheim (2002), a contação de histórias tem um papel essencial no desenvolvimento do imaginário e da sensibilidade das crianças, pois permite que elas vivenciem a literatura de forma lúdica e afetiva. As narrativas contadas oralmente despertam o interesse dos alunos pela leitura, criando um ambiente de envolvimento que favorece a posterior busca pelos livros. Além disso, as palestras com autores possibilitam que os estudantes compreendam o processo de criação literária e estabeleçam uma relação mais próxima com a escrita.

Para Carvalho (1987), esses momentos são fundamentais para desmistificar a figura do escritor e mostrar aos alunos que a literatura não é um campo inacessível, mas sim um espaço aberto à criatividade e à expressão. Esse contato direto com os autores pode ser particularmente inspirador para os jovens leitores, incentivando-os não apenas a ler, mas também a escrever suas próprias histórias.

A análise geral das respostas obtidas na Figura 7 evidencia que, mesmo diante de uma amostra reduzida de participantes, há um reconhecimento da importância de ações que extrapolam a sala de aula tradicional na construção de uma cultura leitora. As estratégias mencionadas – feiras literárias, clubes de leitura, programas de empréstimo de livros e contação de histórias – apontam para uma compreensão ampliada do papel da escola na formação de leitores, indo além do ensino formal e incorporando práticas que estimulam o prazer pela leitura e a autonomia dos alunos. No entanto, a baixa recorrência dessas práticas entre os professores entrevistados sugere que ainda há desafios a serem superados na consolidação de uma política escolar mais estruturada voltada à promoção da leitura. Como apontado por Zilberman (2003), a escola precisa assumir um papel mais ativo na formação de leitores,

garantindo que as atividades voltadas à leitura sejam contínuas e não apenas eventuais.

A construção de um ambiente escolar que valorize a literatura exige investimento não apenas em eventos e projetos isolados, mas em uma cultura institucional que reconheça o livro como um elemento central na educação dos alunos. Assim, para que essas práticas sejam efetivas e alcancem um maior número de estudantes, é fundamental que haja um planejamento pedagógico integrado, no qual a leitura seja promovida de maneira sistemática e intencional, fortalecendo sua presença dentro e fora do ambiente escolar.

A análise dos resultados obtidos na Figura 7 do gráfico, que investiga as estratégias utilizadas pelos professores para promover a leitura além das aulas regulares, evidencia diferentes abordagens que buscam incentivar o hábito leitor entre os alunos. Esses resultados podem ser discutidos à luz da literatura especializada, a fim de compreender como tais práticas se relacionam com os estudos sobre mediação literária, formação de leitores e democratização do acesso à leitura.

A estratégia mais mencionada pelos professores foi a organização de eventos literários, como feiras de livros, citada por dois participantes. Esse dado reforça a ideia de que o contato dos estudantes com diferentes obras e autores pode ser um fator essencial para despertar o interesse pela leitura. Abramovich (2006) destaca a importância de criar experiências prazerosas e lúdicas em torno da literatura, argumentando que eventos como esses possibilitam uma aproximação mais significativa entre leitores e livros.

De forma semelhante, Lajolo (2018) aponta que a realização de feiras literárias amplia a percepção dos alunos sobre a literatura, tornando a leitura um evento social e interativo, e não apenas uma atividade isolada e obrigatória dentro da sala de aula. Além disso, Zilberman (2003) ressalta que esses eventos promovem o intercâmbio de conhecimentos entre leitores, escritores e educadores, fortalecendo o envolvimento dos estudantes com o universo literário e estimulando um contato mais dinâmico com os textos.

Outra prática mencionada foi a criação de clubes de leitura extracurriculares, citada por um professor. Essa estratégia é amplamente defendida por especialistas na área de leitura e educação, pois possibilita uma abordagem interativa do texto e incentiva a troca de interpretações entre os participantes. Cosson (2011) argumenta

que os clubes de leitura são fundamentais para o desenvolvimento do letramento literário, uma vez que permitem que os alunos ampliem suas habilidades de interpretação e reflexão crítica. Kleiman (2012) reforça essa perspectiva ao destacar que a mediação do professor nesses espaços é essencial para conduzir as discussões e incentivar uma participação mais ativa dos estudantes.

Bloom (2001), por sua vez, destaca que a leitura compartilhada potencializa a formação do repertório cultural dos alunos, pois permite o contato com diferentes gêneros textuais e estilos narrativos, ampliando sua compreensão sobre o mundo literário. Além disso, Petit (2009) enfatiza que os clubes de leitura são espaços de pertencimento e interação, onde os alunos podem desenvolver um vínculo mais profundo com a literatura e com a comunidade leitora.

A implementação de programas de empréstimos de livros foi outra estratégia apontada pelos professores, também com uma resposta na pesquisa. Essa iniciativa está diretamente relacionada à democratização do acesso à leitura, um aspecto crucial para a formação de leitores. Cademartori (2010) argumenta que garantir o acesso contínuo a livros é um dos fatores mais determinantes para a construção do hábito de leitura entre os alunos. Nesse sentido, a presença de bibliotecas escolares bem estruturadas e de programas que facilitem o empréstimo de livros pode contribuir significativamente para que os estudantes tenham autonomia em suas escolhas literárias e ampliem sua experiência leitora.

Alves Filho (2011) ressalta que o incentivo à leitura deve ser contínuo e sistemático, e não apenas baseado em eventos esporádicos, o que reforça a importância da existência de políticas permanentes de acesso aos livros dentro das escolas. Além disso, Petit (2009) destaca que a disponibilidade de acervo literário adequado e diversificado pode ser um fator decisivo na consolidação do hábito leitor, pois possibilita que os estudantes encontrem textos que dialoguem com seus interesses e experiências.

Por fim, a realização de sessões de contação de histórias e palestras com autores foi mencionada como uma estratégia utilizada para promover a leitura no ambiente escolar. A literatura especializada reconhece amplamente o valor dessas práticas na formação leitora, especialmente na fase inicial do desenvolvimento das crianças. Bettelheim (2015) discute a importância da oralidade e da narração na construção da imaginação infantil, argumentando que os contos de fadas e as

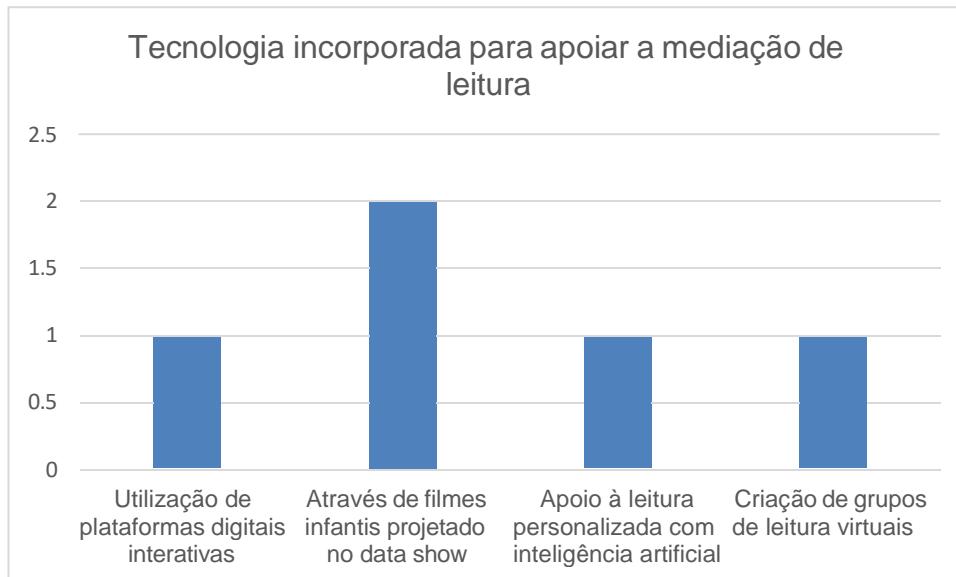
histórias narradas têm um impacto profundo no desenvolvimento emocional e cognitivo dos alunos. De forma semelhante, Barcellos e Neves (1995) enfatizam que a contação de histórias desperta o interesse das crianças pela leitura ao tornar o ato de ler um momento prazeroso e envolvente.

Carvalho (1987) também destaca que palestras com autores possibilitem que os alunos conheçam melhor o processo criativo por trás das obras literárias, o que pode aumentar sua curiosidade e motivação para explorar diferentes narrativas. Essas iniciativas, portanto, são fundamentais para estimular o gosto pela leitura de forma lúdica e interativa, criando um vínculo afetivo entre os estudantes e a literatura.

A análise dos dados revela que, embora a amostra da pesquisa seja pequena, as estratégias adotadas pelos professores para promover a leitura além das aulas regulares estão alinhadas com as recomendações da literatura especializada. No entanto, a baixa recorrência dessas práticas na pesquisa sugere que ainda há desafios na consolidação de uma cultura leitora dentro das escolas.

Zilberman (2003) argumenta que a formação de leitores depende não apenas do acesso aos livros, mas também da implementação de políticas pedagógicas contínuas e estruturadas que incentivem o contato frequente com a literatura. Além disso, a escola precisa assumir um papel mais ativo na mediação da leitura, garantindo que essas atividades sejam incorporadas ao cotidiano escolar de forma sistemática. Nesse sentido, o investimento na formação docente e na ampliação do acervo das bibliotecas escolares são fatores essenciais para a criação de um ambiente que valorize e estimule o hábito da leitura de maneira integral e duradoura.

**Gráfico 6 – Como a tecnologia pode ser incorporada de forma eficaz para apoiar a mediação de leitura na sala de aula?**



Fonte: Professores da Escola Municipal 1º de Junho, 2024.

A análise dos resultados apresentados na Figura 8 do gráfico, que aborda as maneiras pelas quais a tecnologia pode ser incorporada de forma eficaz para apoiar a mediação de leitura na sala de aula, revela um panorama das diferentes abordagens que os educadores consideram ao integrar ferramentas tecnológicas no processo de ensino e aprendizagem. Esse cenário está diretamente ligado às transformações pedagógicas impulsionadas pela digitalização, que, embora traga desafios, também abre possibilidades inovadoras e diversificadas para a mediação literária. Ao comparar os resultados com a literatura sobre o uso da tecnologia na educação, podemos entender melhor as escolhas dos docentes e as implicações dessas práticas para o processo formativo.

A opção mais citada foi a utilização de filmes infantis projetados no data show, com duas respostas. Essa estratégia é amplamente reconhecida na literatura como uma maneira eficaz de complementar a leitura, uma vez que os filmes podem ilustrar os textos de forma visual, o que ajuda os alunos, especialmente os mais jovens, a compreender melhor o conteúdo lido. Segundo Lajolo (2018), o uso de recursos audiovisuais na educação pode ser fundamental para despertar o interesse dos alunos pela literatura, principalmente quando se trata de crianças e adolescentes que estão em fase de desenvolvimento cognitivo e emocional. Os filmes podem oferecer uma

interpretação rica do texto, além de facilitar a identificação com os personagens e enredos, tornando a história mais tangível e envolvente. A utilização do data show, por sua vez, é uma ferramenta que contribui para a interatividade e dinamismo da aula, pois proporciona uma projeção em grande escala, o que favorece a visibilidade e a participação de todos os alunos no processo de mediação literária.

No entanto, a opção de utilização de plataformas digitais interativas, embora com uma única resposta, também merece destaque. As plataformas digitais oferecem recursos que permitem uma interação mais profunda e personalizada com o conteúdo, como e-books, jogos educativos e aplicativos que incentivam os alunos a se engajar ativamente com a leitura. Cosson (2011) afirma que a utilização de plataformas digitais pode ser uma excelente forma de estimular o interesse pela leitura, já que essas ferramentas oferecem recursos multimodais que atendem a diferentes estilos de aprendizagem. As plataformas digitais permitem, ainda, a personalização do aprendizado, algo especialmente valioso no contexto de salas de aula heterogêneas, onde as necessidades dos alunos podem variar significativamente. Isso também se alinha à ideia de letramento digital, que, segundo Soares (2011), é um dos pilares essenciais do ensino contemporâneo, pois prepara os alunos para navegar de maneira crítica e eficiente pelo vasto universo informacional que caracteriza a sociedade atual.

Outro ponto interessante da pesquisa é a menção ao apoio à leitura personalizada com o uso de inteligência artificial (IA), que foi citado com uma única resposta. Essa alternativa sugere o interesse de alguns professores por tecnologias que permitam adaptar o ritmo de leitura às necessidades específicas de cada aluno. A IA, como aponta Bettelheim (2015), pode ser uma ferramenta poderosa para a educação, pois possibilita um acompanhamento individualizado, ajustando-se ao nível de compreensão e ao progresso de cada estudante. A IA poderia, por exemplo, sugerir livros ou textos adequados ao perfil do aluno, fornecer feedback imediato sobre o desempenho na leitura e até mesmo identificar dificuldades específicas na interpretação de textos, oferecendo intervenções precisas e oportunas. Apesar de seu grande potencial, a utilização da IA na educação ainda é uma tendência emergente, e pode ser limitada pela infraestrutura das escolas e pela formação dos professores em relação ao uso dessa tecnologia.

A criação de grupos de leitura virtuais, também com uma única resposta, aponta para uma tentativa de promover a interação entre os alunos de maneira colaborativa. Essa abordagem está diretamente ligada ao conceito de aprendizagem colaborativa, que tem sido defendido por diversos estudiosos como uma forma de fomentar a troca de ideias, o desenvolvimento de habilidades sociais e o aprendizado ativo. Segundo Libâneo (1994), a aprendizagem colaborativa não só favorece a construção do conhecimento, mas também estimula a reflexão crítica e a autonomia dos estudantes. A utilização de grupos de leitura virtuais pode ampliar essas possibilidades ao permitir que os alunos interajam em um espaço mais flexível e acessível, o que é especialmente relevante no contexto contemporâneo, onde as interações digitais fazem parte do cotidiano de muitas pessoas. Além disso, o uso de ferramentas como fóruns, chats e plataformas educacionais permite que os estudantes compartilhem suas impressões sobre os textos lidos e colaborem na construção do significado coletivo da leitura.

Embora algumas dessas abordagens não tenham sido as mais escolhidas, elas indicam um movimento crescente de inovação no uso de tecnologia no ensino da leitura. A literatura educacional enfatiza que, para que a tecnologia seja eficaz na mediação da leitura, ela deve ser utilizada de maneira intencional e integrada ao planejamento pedagógico, e não apenas como um recurso isolado ou substituto das práticas tradicionais de leitura. Segundo Kleiman (2012), a tecnologia deve ser entendida como uma ferramenta que potencializa o aprendizado e não como um fim em si mesma. Nesse sentido, a aplicação criativa da tecnologia pode enriquecer a mediação de leitura, proporcionando uma gama mais ampla de recursos que atendem a diferentes necessidades dos alunos e fomentam o desenvolvimento de habilidades literárias de forma interativa e motivadora.

Tem-se, pois, que os resultados da pesquisa refletem o interesse dos professores em incorporar tecnologias que favoreçam o processo de mediação de leitura, mas também evidenciam uma necessidade de formação contínua e de investimentos em infraestrutura para garantir a utilização efetiva dessas ferramentas. A combinação de métodos tradicionais com inovações tecnológicas pode criar um ambiente mais inclusivo e dinâmico para a promoção da leitura, contribuindo significativamente para a formação de leitores críticos e engajados.

Assim, a análise dos dados apresentados na Figura 8, que explora como a tecnologia pode ser incorporada de forma eficaz para apoiar a mediação da leitura na sala de aula, revela questões interessantes que merecem ser discutidas à luz da literatura especializada. O gráfico destaca várias estratégias tecnológicas que os professores consideram ao integrar a tecnologia no processo de mediação de leitura, sendo elas: o uso de filmes infantis projetados no data show, plataformas digitais interativas, apoio à leitura personalizada com inteligência artificial, e a criação de grupos de leitura virtuais. A seguir, discutiremos os resultados obtidos à luz das contribuições de autores que abordam as temáticas de leitura, literatura infantil, mediação pedagógica e tecnologias educacionais.

O uso de filmes infantis projetados no data show foi a alternativa mais escolhida pelos participantes, o que sugere que os professores ainda consideram os recursos audiovisuais uma maneira eficaz de engajar os alunos no processo de leitura. A literatura especializada confirma essa tendência, pois Bettelheim (1980), ao analisar a psicanálise dos contos de fadas, argumenta que a presença de elementos fantásticos e simbólicos nas histórias ajuda as crianças a lidarem com suas emoções e a desenvolverem uma visão mais ampla do mundo. Filmes que adaptam essas histórias para o formato audiovisual têm o potencial de traduzir as emoções e os conflitos apresentados nos contos, tornando-os mais tangíveis e compreensíveis para os alunos, especialmente os mais jovens.

Além disso, o uso de *data show*, como ferramenta tecnológica, facilita a criação de um ambiente de aprendizagem mais interativo e dinâmico. Lajolo (2018) destaca que, ao integrar recursos audiovisuais na sala de aula, o professor proporciona uma experiência de leitura mais rica, que estimula o interesse e a curiosidade dos alunos. A visualização dos personagens e cenários presentes no filme pode ajudar na fixação dos conteúdos lidos, tornando a leitura mais lúdica e envolvente. Nesse sentido, o recurso de projeção de filmes, ao lado do texto, favorece a conexão entre diferentes formas de linguagem, ampliando as possibilidades de interpretação.

A segunda estratégia que obteve destaque foi a utilização de plataformas digitais interativas, como e-books e aplicativos educativos. Embora não tenha sido a mais escolhida, essa opção ainda reflete uma tendência crescente de integrar a tecnologia para tornar o processo de leitura mais dinâmico e acessível. Cosson (2011) enfatiza que a inserção de recursos tecnológicos pode promover uma interação mais

ativa dos alunos com os textos, ao permitir que os mesmos explorem a narrativa por meio de jogos, quizzes e desafios interativos, criando uma abordagem mais personalizada da leitura.

Essas plataformas permitem que o aluno tenha maior controle sobre o ritmo de leitura, podendo pausar, voltar e interagir com o conteúdo de maneiras que os livros tradicionais não possibilitam. Além disso, o uso de ferramentas digitais pode auxiliar na diferenciação do ensino, oferecendo estratégias específicas de apoio para alunos com diferentes níveis de proficiência de leitura, como já sugerido por Soares (2011), que vê as tecnologias digitais como uma ponte para um letramento mais amplo e inclusivo. A integração das plataformas digitais, portanto, vai além de uma simples modernização do ensino; trata-se de uma estratégia pedagógica que visa aumentar o engajamento e a motivação dos estudantes.

A opção por apoio à leitura personalizada com inteligência artificial (IA), embora tenha recebido uma única resposta, é uma indicação importante de que a aplicação de tecnologias mais avançadas no ensino da leitura ainda está em fase de exploração. A IA possui um enorme potencial para oferecer soluções personalizadas, adaptando-se ao ritmo e às necessidades de cada aluno. Segundo Kleiman (2012), a personalização do ensino por meio da tecnologia é um passo fundamental para a construção de um aprendizado mais autônomo e significativo. A IA pode ajustar as atividades de leitura de acordo com o nível de compreensão do aluno, sugerindo novos textos e ajustando a complexidade das questões baseadas no desempenho individual.

No entanto, o fato de essa estratégia ter sido escolhida por apenas um dos participantes sugere que, apesar do grande potencial da inteligência artificial, a sua implementação nas escolas enfrenta desafios significativos. Isso pode estar relacionado à falta de infraestrutura tecnológica adequada, à escassez de formação específica para os professores ou ainda à resistência à adoção de novas tecnologias. Cavalcanti (2009) argumenta que a resistência dos educadores a mudanças no processo de ensino pode ser uma barreira para a inovação, o que pode explicar a baixa adesão a essa estratégia.

Por fim, a criação de grupos de leitura virtuais, que também recebeu uma única resposta, aponta para uma abordagem mais colaborativa da leitura. O ensino da leitura tem se mostrado cada vez mais centrado na participação ativa dos alunos, e

os grupos virtuais podem ser uma estratégia eficaz para promover a troca de ideias, interpretações e reflexões sobre os textos lidos. Como afirma Libâneo (1994), o trabalho colaborativo pode fomentar um ambiente de aprendizagem mais dinâmico, onde os alunos se tornam protagonistas de seu processo de aprendizagem. Nos grupos de leitura virtuais, os alunos podem compartilhar suas experiências de leitura, discutir os textos e até mesmo produzir conteúdo colaborativo, ampliando a compreensão do material e tornando a leitura uma atividade social e interativa.

Essa opção também está em consonância com as novas formas de socialização proporcionadas pela internet e pelas tecnologias digitais, como discute Marcuschi (2005). O uso de ferramentas como chats, fóruns e videoconferências permite que a leitura se torne uma experiência compartilhada, criando um espaço onde os alunos podem expressar suas ideias e se apoiar mutuamente no desenvolvimento das habilidades leitoras.

A análise dos resultados do gráfico mostra que os professores têm buscado diferentes formas de integrar a tecnologia na mediação da leitura, cada uma com suas vantagens e desafios. O uso de filmes infantis projetados no data show e a adoção de plataformas digitais interativas são as opções mais comuns, refletindo uma busca por recursos que tornem a leitura mais dinâmica, envolvente e acessível. Embora o apoio à leitura personalizada com inteligência artificial e a criação de grupos de leitura virtuais ainda estejam em fase inicial de exploração, essas abordagens indicam um movimento em direção à personalização e à colaboração no processo de aprendizagem, aspectos fundamentais para a formação de leitores críticos e autônomos. Assim, a incorporação de tecnologias no ensino da leitura não é apenas uma tendência, mas uma necessidade para adaptar o ensino às novas realidades e demandas educacionais do século XXI.

**Gráfico 7 – Quais métodos específicos você utiliza para avaliar o progresso dos estudantes na compreensão e interpretação de textos ao longo do tempo?**



Fonte: Professores da Escola Municipal 1º de Junho, 2024.

Na análise dos resultados da pesquisa sobre os métodos de avaliação da compreensão e interpretação de textos, é possível observar uma diversidade de abordagens adotadas pelos professores, refletindo uma tentativa de equilibrar as práticas tradicionais com as mais interativas e colaborativas. O gráfico da Figura 9 ilustra bem essa variedade de estratégias, onde é possível perceber uma busca por metodologias mais dinâmicas e, ao mesmo tempo, a permanência de métodos consagrados que continuam a ser utilizados no ambiente escolar.

Os métodos tradicionais de avaliação, como provas e questionários, ainda desempenham um papel importante nas práticas pedagógicas. O uso de provas é mencionado por um dos professores, indicando que, embora haja uma procura crescente por alternativas, essa abordagem formal e objetiva continua sendo amplamente utilizada nas escolas. As provas são um recurso utilizado para medir a compreensão dos conteúdos de forma sistemática e direta, permitindo que o professor avalie a retenção de informações dos alunos de maneira padronizada e com critérios bem definidos. Essa prática está alinhada com a visão de Zilberman (1998), que argumenta que as avaliações tradicionais desempenham uma função importante ao focar na verificação de conhecimentos e conceitos específicos de forma clara e objetiva.

Da mesma forma, os questionários também surgem como uma estratégia de avaliação bastante comum entre os professores. Esse método permite que os alunos demonstrem seu entendimento de uma forma estruturada, com questões focadas em pontos específicos do conteúdo. Os questionários, embora semelhantes às provas, são considerados um pouco mais flexíveis e permitem uma análise mais detalhada da capacidade dos alunos de processar e refletir sobre as informações. Como observam Alves Filho (2011) e Marcuschi (2005), os questionários têm a vantagem de permitir uma avaliação mais profunda sobre a forma como os alunos interpretam cada questão, e não apenas se conseguem memorizar as informações apresentadas.

Entretanto, é interessante notar que, além desses métodos tradicionais, também foram identificados outros mais dinâmicos, como debates, discussões em grupos e seminários, que promovem uma participação ativa dos alunos e um envolvimento mais colaborativo no processo de aprendizagem. Essas abordagens são indicativas de uma tentativa de envolver os estudantes de maneira mais reflexiva e crítica na interpretação dos textos. Os debates e discussões em grupo são formas interativas de avaliação que incentivam os alunos a expressar suas opiniões, ouvir e refletir sobre as ideias de seus colegas, além de promover o desenvolvimento de habilidades de argumentação. Cosson (2011) defende que, por meio dessas atividades, os alunos são estimulados a não apenas interpretar os textos, mas a pensar criticamente sobre os temas abordados e a construir uma compreensão mais profunda e fundamentada.

Esses métodos, ao contrário das avaliações mais objetivas, promovem um ambiente de aprendizagem mais colaborativo, onde o conhecimento não é algo que o aluno apenas recebe, mas algo que ele constrói e compartilha com seus colegas. De acordo com Kleiman (2012), a troca de ideias e o debate são fundamentais para o desenvolvimento do pensamento crítico, pois permitem que os alunos vejam os textos sob diferentes perspectivas e os analisem de maneira mais crítica e reflexiva.

Além disso, a utilização de seminários e trabalhos escritos como método de avaliação demonstra uma tentativa de incentivar a autonomia dos alunos, permitindo que eles desenvolvam suas habilidades de pesquisa, argumentação e expressão escrita. O seminário, nesse contexto, surge como uma oportunidade para que os estudantes apresentem suas ideias de forma mais elaborada, organizem seus pensamentos de maneira clara e defendam suas interpretações com base em

evidências. Essa abordagem é especialmente eficaz para o desenvolvimento de habilidades de escrita acadêmica e argumentativa, que são essenciais para a formação de leitores e escritores críticos e autônomos, como argumenta Riter (2009) em sua análise sobre a formação do leitor literário. Para os professores, essas práticas não apenas avaliam o conhecimento, mas também incentivam o desenvolvimento de habilidades cognitivas e comunicativas mais complexas.

Portanto, os resultados da pesquisa demonstram que, embora os métodos tradicionais de avaliação, como provas e questionários, ainda sejam predominantes, há uma busca crescente por métodos mais interativos e colaborativos que incentivem a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem. As alternativas como debates, discussões em grupo, seminários e trabalhos escritos são fundamentais para o desenvolvimento de habilidades críticas e reflexivas, que não apenas medem o conhecimento, mas também estimulam a compreensão mais profunda e a expressão independente dos alunos. Esses métodos, ao contrário dos tradicionais, são indicativos de uma tendência em direção a uma educação mais dinâmica, onde o objetivo não é apenas avaliar a compreensão do conteúdo, mas também promover um processo de aprendizagem mais envolvente, colaborativo e reflexivo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo investigar os métodos utilizados pelos professores para avaliar a compreensão e a interpretação de textos pelos alunos ao longo do tempo. Ao longo do estudo, procurou-se compreender quais são as estratégias de avaliação adotadas nas escolas, quais suas implicações para o desenvolvimento dos estudantes e, principalmente, como essas práticas impactam a formação de leitores e intérpretes de textos no contexto educacional. A questão de pesquisa, portanto, buscava entender a diversidade e a eficácia desses métodos de avaliação no processo de ensino-aprendizagem.

O objetivo geral da pesquisa era identificar os métodos mais utilizados para avaliar o progresso dos alunos na compreensão de textos e, a partir disso, refletir sobre a diversidade de abordagens presentes nas práticas pedagógicas, levando em consideração tanto os métodos tradicionais como os mais interativos e inovadores. A partir da análise dos dados, constatou-se que, embora os métodos tradicionais, como provas e questionários, ainda sejam predominantes, há uma crescente adoção de práticas mais dinâmicas, como debates, discussões em grupo, seminários e trabalhos escritos. Esses métodos mais interativos têm mostrado eficácia no desenvolvimento do pensamento crítico e da argumentação, além de estimular uma compreensão mais profunda e colaborativa dos textos.

A pesquisa permitiu perceber que, embora o sistema educacional ainda dependa de formas de avaliação tradicionais, há um movimento crescente de busca por métodos alternativos que favoreçam a participação ativa dos alunos, promovendo uma aprendizagem mais significativa e reflexiva. As conclusões a que se chega a partir desse estudo indicam que os métodos tradicionais, embora necessários para a avaliação objetiva do conhecimento, devem ser complementados com práticas mais dinâmicas e colaborativas, que engajem os alunos no processo de análise crítica e interpretação dos textos.

As implicações dessas constatações para a educação pública são significativas. A adoção de métodos mais interativos e colaborativos pode contribuir para um ambiente educacional mais inclusivo e participativo, no qual os alunos se sintam mais envolvidos e motivados a desenvolver suas habilidades de leitura e interpretação de textos. Além disso, esses métodos podem ajudar a superar a rigidez

dos modelos de avaliação tradicionais, promovendo uma educação mais alinhada às necessidades cognitivas e sociais dos alunos. Contudo, para que essas mudanças ocorram de forma efetiva, é fundamental que os professores recebam formação continuada e suporte adequado, para que possam incorporar esses métodos de forma eficaz em suas práticas pedagógicas.

Em relação às soluções para a problemática constatada, algumas ações podem ser sugeridas. Primeiramente, é essencial que as escolas incentivem a troca de experiências e práticas pedagógicas entre os professores, para que possam aprender uns com os outros e incorporar métodos mais inovadores de avaliação. Além disso, a formação de professores deve ser constantemente atualizada, com foco no desenvolvimento de estratégias pedagógicas que incentivem a participação ativa dos alunos e o pensamento crítico. A introdução de tecnologias educacionais também pode ser uma ferramenta importante, permitindo que os professores utilizem plataformas digitais para criar atividades interativas que estimulem a reflexão e a análise dos textos de maneira mais engajante.

A partir desta pesquisa, os encaminhamentos para futuras investigações incluem a análise mais aprofundada da eficácia de métodos como debates e discussões em grupo, explorando como essas estratégias contribuem no longo prazo para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos. Além disso, seria interessante investigar como as tecnologias podem ser utilizadas para complementar ou transformar os métodos tradicionais de avaliação, ampliando as possibilidades de interação e de desenvolvimento de competências cognitivas nos estudantes.

Os principais desafios encontrados durante a realização deste estudo foram a diversidade de abordagens e a dificuldade de mensurar a eficácia de cada método de forma clara e objetiva. Como cada sala de aula e cada grupo de alunos têm características próprias, muitos fatores externos influenciam os resultados das estratégias de avaliação. No entanto, os aprendizados foram consideráveis, pois foi possível perceber a riqueza de metodologias adotadas pelos educadores e compreender que, mais do que avaliar, é necessário incentivar o processo de aprendizado contínuo e colaborativo.

Em conclusão, este estudo reforça a necessidade de repensar as práticas de avaliação na educação pública, buscando soluções que favoreçam a construção de

um conhecimento mais crítico, participativo e alinhado às demandas dos alunos. O futuro da educação passa pela adaptação constante às necessidades dos estudantes e pela incorporação de métodos pedagógicos que estimulem não apenas o aprendizado, mas também o desenvolvimento de habilidades fundamentais para o exercício da cidadania e para a formação de leitores críticos e reflexivos.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosura e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 2006.

ALVES FILHO, Francisco. **Gêneros jornalísticos**: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2011.

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais: uma proposta para formação de leitores de literatura**. Porto Alegre: Projeto, 2009.

BARCELLOS, Gládis Maria Ferrão; NEVES, Iara Conceição Bittencourt. **Hora do conto: da fantasia ao prazer de ler**. Porto Alegre: Sagra – D.C. Luzzato, 1995.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Editora Paz e Terra, 2015.

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980

BLOOM, Harold. **COMO E POR QUE LER**. Editoração Eletrônica Abreu's System Ltda. 2001

BRUNA Moretti Luchesi, SANTOS, Mariana Alvina. **Guia prático de introdução às metodologias ativas de aprendizagem** [recurso eletrônico] / organizadoras – Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2022.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2010.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. 5.ed. São Paulo: Global, 1987

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**. 3. Ed. São Paulo: Editora Paulus, 2009.

CLAUDIO, Ana Cristina. **A escolarização da literatura infantil nos anos iniciais do ensino fundamental**: um processo subsidiário aos fins pedagógicos. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2015. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/fb60c782-54a7-4444-80cc-1c5adb16d052/content> . Acessado em 12 de fevereiro de 2024.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática.** São Paulo: contexto, 2011.

FERREIRA, de Holanda, Buarque, Aurélio. **Novo dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FREITAS, Tayline Levati de. **Conto de fadas e desenvolvimento da criança: um ensaio.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 06, Ed. 07, Vol. 02, pp. 101-113. Julho de 2021. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/conto-de-fadas>, DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao/conto-de-fadas

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil brasileira: da colonização à busca da identidade.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

JUNG, C.G. **Estudos Alquímicos.** Petrópolis: Vozes, 2003.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática.** 14. Ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

LAJOLO, Mariza. **Literatura: ontem, hoje, amanhã.** São Paulo: Unesp Digital, 2018.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos.** 3. ed. São Paulo: Global, 1988.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática,** São Paulo: Cortez, 1994

LIBERATO, Yara Goulart. IN: EVANGELISTA ET AL (orgs.). **A escolarização da leitura literária.** 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWORSKI, Acir Mario; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (org.). **Gêneros textuais:** reflexões e ensino. União da Vitória: Kaygague, 2005.

MENON, Gislaine Elizetti Dias; CORTE, Anelise Copetti Dalla. **Cadernos PDE,** Paraná: 2013. 13 p.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Leitura crítica da literatura infantil.** Araraquara, v. 17/18, p. 179-187, 2001.

NASCIMENTO, Zilda Elena Vieira. **Memorial de formação.** Campinas, SP: 2006.

OLIVEIRA, R. P. de S., & ARAUJO, G. C. de. (2023). O papel do professor enquanto mediador no processo criativo em arte na Educação Infantil. **Revista Educação E Cultura Contemporânea**, 20, 11013. Recuperado de

<https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/11013>

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos.** 6 ed. São Paulo: Cortez, 2010

PASCHOAL, S. B. de N. **Mediação cultura dialógica com crianças e adolescentes: oficinas de leitura e singularidade.** Orientação Prof. Dr. Edmir Perrotti. São Paulo: ECA/USP, 2009.

PEREZ, Luana Castro Alves. “**História dos contos de fadas**”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/literatura/historia-dos-contos-fadas.htm>. Acesso em 24 de março de 2024.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à adversidade.** Trad. Arthur Bueno e Camila Bodrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

POSTIC, Marcel. **O imaginário na relação pedagógica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

RITER, C. **A formação do leitor literário em casa e na escola.** São Paulo: Biruta, 2009.

RODRIGUES, S.M. **A prática da leitura na educação infantil como incentivo na formação de futuros leitores.** Eventos Pedagógicos, v. 6, nº 2 (15ª ed.), p. 241-249, jun./jul. 2015.

SMOLKA, N. **Fábulas Completas: Esopo.** São Paulo: Moderna, 1995

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

SOARES, Magda Becker. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. Educação e Sociedade Letramento: um tema em três gêneros.** 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011

SOUZA, L. N. de. **O processo estético de reescrita das fábulas por Monteiro Lobato.** Dissertação de Mestrado. UNESP, 2004.

TASSI, Adelaide da Rosa. **A Importância da Literatura Infantil para desenvolvimento e aprendizagem da criança.** Artigo apresentado ao Curso de Pedagogia Maçaranduba 2002.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola.** 11 ed. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 10º ed. São Paulo: Global, 1998.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

1. De que forma você incentiva a participação ativa dos estudantes durante as atividades de leitura em sala de aula?
2. Como você adapta suas práticas de mediação da leitura para atender às necessidades individuais dos estudantes?
3. Como você integra a mediação da leitura em outras disciplinas além de língua portuguesa?
4. Em suas aulas, como ocorrem geralmente as interações em torno do texto literário?
5. De que maneira você promove a leitura e um ambiente escolar que vai além das aulas regulares?
6. Como a tecnologia pode ser incorporada de forma eficaz para apoiar a mediação de leitura na sala de aula?
7. Quais métodos específicos você utiliza para avaliar o progresso dos estudantes na compreensão e interpretação de textos ao longo do tempo?

## ANEXOS

### ANEXO I – APLICAÇÃO DAS ATIVIDADES

#### Instrumentos de Coleta de Dados



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

Jardim dos Ipês, Rua 03, Q. 17, S/N, | Porto Nacional/TO 3363-0566 | [www.uft.edu.br/ppgletras](http://www.uft.edu.br/ppgletras) |

[ppgletrasporto1@uft.edu.br](mailto:ppgletrasporto1@uft.edu.br)

Questionário direcionado aos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental da escola 1º de junho.

Caro (a) professor (a):

O questionário abaixo tem por objetivo a coleta de dados para a pesquisa de mestrado que realizei na Universidade Federal do Tocantins, na linha de pesquisa LP 5 – Literatura, História e Imaginário. Peço a você a gentileza de responde – la integralmente e agradeço a colaboração. Caso queira colocar outras informações além das solicitadas, acrescente-as no espaço em branco no final deste questionário.

#### Parte I

Nome: \_\_\_\_\_

Escola onde  
trabalha: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

1. Quais foram os principais motivos que o inspiraram a escolher lecionar nas séries iniciais do ensino fundamental?

**Parte II**

2. Qual é a importância da mediação do professor no desenvolvimento da habilidade de leitura dos alunos?
3. Quais estratégias você utiliza para incentivar os alunos a se interessarem pela leitura?
  - A. ( ) Leitura de livros em voz alta;
  - B. ( ) Criar clubes de leitura;
  - C. ( ) Implementar programas de recompensa pela leitura;
  - D. ( ) Conectar a leitura com interesses pessoais dos alunos;
  - E. ( ) Outros ( especificar) \_\_\_\_\_
4. Como você adapta suas práticas de mediação da leitura para atender às necessidades individuais dos alunos?
5. Como a seleção de diferentes tipos de materiais de leitura contribui para a diversificação das experiências de leitura dos alunos?
6. Como você seleciona os materiais de leitura para atender às diferentes habilidades e interesses dos alunos?
7. Como você avalia o progresso dos alunos na compreensão e na interpretação de textos?
8. De que forma você incentiva a participação ativa dos alunos durante as atividades de leitura em sala de aula?
  - A. ( ) Realizando discussões em grupo sobre a leitura;
  - B. ( ) Utilizando métodos de leitura compartilhada;
  - C. ( ) Promovendo debates sobre o material lido;
  - D. ( ) Encorajando perguntas e reflexões durante a leitura;
  - E. ( ) Outros (especificar) \_\_\_\_\_
9. Quais desafios você enfrenta ao mediar a leitura em sala de aula e como os supera?
10. Em suas aulas, como ocorrem geralmente as interações em torno do texto literário? Marque o item que melhor traduz seu pensamento.

- A. ( ) Você pede aos estudantes que leiam os textos do livro e resolvam as questões propostas, posteriormente corrige e comenta;
- B. ( ) Você lê e explica certos textos literários e os estudantes prestam atenção nas explicações;
- C. ( ) você abre com a classe discussão sobre os textos literários, isto é além de opinar sobre os textos também ouve e discute a opinião dos discentes;
- D. ( ) Os estudantes debatem o texto entre si e posteriormente a discussão é feita por toda a classe, sob sua orientação;
- E. ( ) Outros ( especificar) \_\_\_\_\_

11. Como você integra a mediação da leitura em outras disciplinas além de Língua Portuguesa?

12. Para você, a contextualização histórica do texto literário é:

- A. ( ) Pouco importante; C. ( ) Muito importante
- B. ( ) Relativamente importante D. ( ) Outros ( especificar) \_\_\_\_\_

13. De que maneira você promove a leitura em um ambiente escolar que vai além das aulas regulares?

- A. ( ) Organizando eventos literários, como feiras de livros;
- B. ( ) Estabelecendo clubes de leitura extracurriculares;
- C. ( ) Criando programas de empréstimo de livros;
- D. ( ) Realizando sessões de contação de histórias e palestras com autores;
- E. ( ) Outros ( especificar) \_\_\_\_\_

14. Qual é o papel dos pais ou responsáveis na mediação da leitura e como você os envolve nesse processo?

15. Como a tecnologia pode ser incorporada de forma eficaz para apoiar a mediação da leitura na sala de aula?

16. Como você lida com alunos com diferentes níveis de proficiência na leitura ao criar atividades de mediação?

17. De que maneira você utiliza a leitura como uma ponte para promover a criatividade e a expressão dos alunos?

18. Como você aborda a diversidade cultural e a inclusão ao escolher materiais de leitura e ao realizar atividades de mediação?

19. Qual é a abordagem que você adota para incluir contos de fadas e fábulas no seu programa de ensino e de que maneira essas histórias são usadas para enriquecer a experiência educacional dos alunos?

A. ( ) Integro contos de fadas e fábulas como elementos complementares ao currículo

principal, mas sem conexão direta com os tópicos abordados.

B. ( ) Utilizo contos de fadas e fábulas ocasionalmente, principalmente para entretenimento e relaxamento dos alunos.

C. ( ) Incorporo contos de fadas e fábulas de forma estratégica, relacionando-os

diretamente aos temas estudados para ilustrar conceitos e valores.

D. ( ) Não utilizo contos de fadas ou fábulas em meu programa de ensino.

E. ( ) Outros ( especificar) \_\_\_\_\_

20. Quais métodos específicos você utiliza para avaliar o progresso dos alunos na compreensão e interpretação de textos ao longo do tempo?

A. ( ) Na forma de provas;

B. ( ) Na forma de questionários;

C. ( ) Na forma de debates;

D. ( ) Na forma de discussões em grupos;

E. ( ) Outros ( especificar) \_\_\_\_\_







